

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Livia Ferreira Coutinho Alonso

A ATIVIDADE DE INDEXAÇÃO:
Uma construção social da realidade

Belo Horizonte
2012

Lívia Ferreira Coutinho Alonso

A ATIVIDADE DE INDEXAÇÃO:

Uma construção social da realidade

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais para obtenção do grau de Mestre em Ciência da Informação.

Linha de Pesquisa: Informação, Cultura e Sociedade

Orientador: Prof. Dr. Carlos Alberto Ávila Araújo

Belo Horizonte
2012



UFMG

Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Ciência da Informação
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação

FOLHA DE APROVAÇÃO


"A ATIVIDADE DE INDEXAÇÃO: UMA CONSTRUÇÃO SOCIAL DA REALIDADE"

Livia Ferreira Coutinho Alonso

Dissertação submetida à Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, como parte dos requisitos à obtenção do título de "**Mestre em Ciência da Informação**", Linha de Pesquisa: "**Informação, Cultura e Sociedade - ICS**".

Dissertação aprovada em: 25 de junho de 2012.

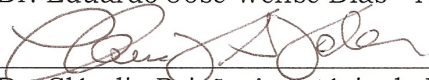
Por:



Prof. Dr. Carlos Alberto Ávila Araújo - ECI/UFMG (Orientador)



Prof. Dr. Eduardo José Wense Dias - Prof. Aposentado - ECI/UFMG



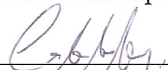
Prof. Dr. Cláudio Paixão Anastácio de Paula - ECI/UFMG

Aprovada pelo Colegiado do PPGCI



Prof. Gercina Ângela B. O. Lima
Coordenadora

Versão final Aprovada por



Prof. Carlos Alberto Ávila Araújo
Orientador



UFMG

Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Ciência da Informação
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação

ATA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE **LÍVIA FERREIRA COUTINHO ALONSO**,
matrícula: 2010656126


Às 9:00 horas do dia 25 de junho de 2012, reuniu-se na Escola de Ciência da Informação da UFMG a Comissão Examinadora aprovada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação em 11/06/2012, para julgar, em exame final, o trabalho intitulado **A atividade de indexação: uma construção social da realidade**, requisito final para obtenção do Grau de MESTRE em CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, área de concentração: Produção, Organização e Utilização da Informação, Linha de Pesquisa: Informação, Cultura e Sociedade - ICS. Abrindo a sessão, o Presidente da Comissão, Prof. Dr. Carlos Alberto Ávila Araújo, após dar conhecimento aos presentes do teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra à candidata para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores com a respectiva defesa da candidata. Logo após, a Comissão se reuniu sem a presença da candidata e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Foram atribuídas as seguintes indicações:

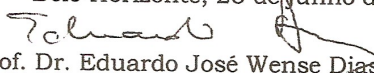
Prof. Dr. Carlos Alberto Ávila Araújo - Orientador	APROVADA
Prof. Dr. Eduardo José Wense Dias	APROVADA
Prof. Dr. Cláudio Paixão Anastácio de Paula	APROVADA

Pelas indicações, a candidata foi considerada APROVADA.

O resultado final foi comunicado publicamente à candidata pelo Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar, o Presidente encerrou a sessão, da qual foi lavrada a presente ATA que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora.

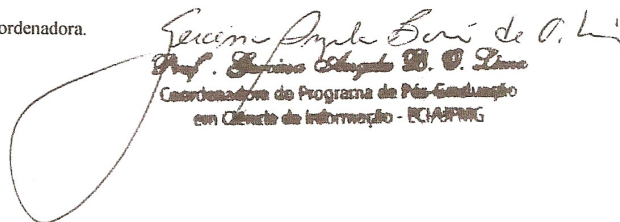
Belo Horizonte, 25 de junho de 2012


Prof. Dr. Carlos Alberto Ávila Araújo
ECI/UFMG (Orientador)


Prof. Dr. Eduardo José Wense Dias
Prof. Aposentado - ECI/UFMG


Prof. Dr. Cláudio Paixão Anastácio de Paula
ECI/UFMG

Obs: Este documento não terá validade sem a assinatura e carimbo da Coordenadora.


Prof. Dr. Sirlene Evangelina B. D. Lima
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação
em Ciência da Informação - ECI/UFMG

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus pela porta que abriu para poder realizar meu sonho de me tornar uma pesquisadora e por me conduzir por toda caminhada.

Aos meus pais devo todo esforço que tiveram para poder me oferecer o melhor, estando sempre disponíveis para me auxiliar. Fico admirada como eles sempre estiveram presentes, mesmo com a distância, prontos para me ajudar.

Ao meu esposo, que durante minha caminhada de mestrandia mudou de papel em minha vida, que passou comigo minhas ansiedades, angústias e êxitos de pesquisadora e, sempre, compreensivo me estimulava a percorrer o caminho.

À minha irmã e a meus familiares que sempre ficaram na torcida pelo meu sucesso. Aos meus amigos, que estiveram presentes neste momento, que me escutaram e, muitas vezes, auxiliaram-me a enxergar a vida com mais leveza.

Ao meu orientador Prof. Pós-Doutor Carlos Alberto Ávila Araujo que mesmo com as distâncias geográficas contribuiu para minha evolução com pesquisadora e o desenvolvimento deste estudo; a ele tenho muito o que agradecer, visto que dedicou seu tempo e seus esforços para a concretização desse sonho.

A todos deixo minha carinhosa gratidão.

RESUMO

Esta pesquisa buscou analisar a atividade de indexação. O bibliotecário é analisado como um sujeito social e o processo de indexação é considerado uma construção. Assim, não se objetivou encontrar leis, mas identificar os significados dados pelo indexador durante o processo da análise do documento. Como objetivo geral, buscou-se compreender como efetivamente acontece o processo de indexação na prática profissional. Acredita-se que entender o processo de indexação sob o método fenomenológico, justifica-se pela necessidade da compreensão da construção do processo de análise do documento. Para este estudo, no cotidiano da atividade biblioteconômica ocorre o processo de interação, como a fenomenologia descreve, ou seja, bibliotecário influencia a biblioteca, sendo por sua vez influenciado por ela. Assim, a indexação foi considerada como um produto que reflete o processo pelo qual foi construído, tendo influências do bibliotecário, do tipo de biblioteca, da comunidade atendida, do vocabulário, da instituição, do próprio processo, do documento, entre outros. Desta forma, esta dissertação proporcionou uma abrangência teórica maior sobre a atividade do indexador, pois trouxe uma abordagem diferenciada das teorias tradicionais utilizadas no processo de indexação.

Palavras-chave: Indexação. Fenomenologia. Interação social.

ABSTRACT

This study aimed to analyze the activity index. The librarian is analyzed as a social subject and the indexing process is considered a building. Thus, it is not aimed to find laws, but to identify the meanings given by the index during the process of document review. As a general objective, we sought to understand how effectively the indexing process happens in practice. It is believed that understanding the process of indexing under the phenomenological method is justified by the need to understand the construction process of document review. For this study librarian in everyday activity is the interaction, as described in phenomenology, i.e., librarian influences the library, which in turn is influenced by it. This way, the index was considered as a product that reflects the process by which it was built, taking influences from the librarian, the type of library, the community served, the vocabulary, the institution of the proceeding the document, among others. For that, this work provided a greater theoretical scope of the activity index as it brought a different approach from traditional theories used in the indexing process.

Keywords: Indexing. Phenomenology. Social interaction.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	3
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	6
2.1 A biblioteca e seu profissional.....	6
2.2 Tratamento temático: indexação.....	13
2.3 Representação do conhecimento como transferência da informação.....	17
2.4 Influências da Ciência da Informação na indexação	22
3 METODOLOGIA.....	36
3.1 Fenomenologia.....	36
3.2. Fundamentos do conhecimento na vida cotidiana.....	37
3.2.1 A realidade da vida cotidiana.....	37
3.2.2 As interações.....	38
3.2.3 A linguagem.....	39
3.3 A prática de estudos fenomenológicos.....	40
4 INSTRUMENTOS METODOLÓGICOS.....	43
4.1 Definição da amostra	43
FONTE: ELABORADO PELO PRÓPRIO AUTOR.....	48
4.2 Coleta de dados.....	48
4.3 Organização e análise dos dados.....	49
5 ANÁLISE DOS DADOS.....	50
5.1 Fatores ligados ao indexador.....	50
5.1.1 Conhecimento do assunto.....	50
5.1.2 Experiência.....	53
5.1.3 Concentração.....	54
5.1.4 Conhecimento dos usuários.....	55

5.2 Fatores ligados ao vocabulário.....	57
5.2.1 Estrutura.....	57
5.2.2 Vocabulários de entrada.....	57
5.2.3 Especificidade/sintaxe.....	58
5.2.4 Disponibilidade de instrumentos auxiliares afins.....	59
5.3 Fatores ligados ao documento.....	61
5.3.1 Conteúdo temático.....	61
5.3.2 Apresentação / sumarização/ estrutura.....	62
5.3.3 Língua e linguagem.....	63
5.4 Fatores ligados ao ‘processo’	64
5.4.1 Produtividade exigida.....	64
5.4.2 Exaustividade.....	65
5.4.3 Regras e instruções.....	66
5.4.4 Tipo de indexação.....	67
5.4.5 Avaliação do processo.....	69
5.5 Metáfora.....	71
FONTE: ELABORADO PELO PRÓPRIO AUTOR.....	76
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	77
REFERÊNCIAS.....	79
APÊNDICE A – ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA.....	84
APÊNDICE B – RELATÓRIO DE OBSERVAÇÃO.....	86

1 INTRODUÇÃO

Este estudo começou a ser pensado durante a graduação de biblioteconomia. Em uma disciplina de tratamento, observando as regras instituídas para o desenvolvimento da indexação fiquei pensando sobre a forma como ela designava as etapas da atividade para o bibliotecário desenvolver. Posteriormente, ainda no curso fui apresentada às teorias que consideram o sujeito como um ser social. Assim, comecei a relacionar a atividade de indexação com as mesmas. Será que o bibliotecário, por estar exercendo uma atividade de cunho profissional, não refletirá em sua leitura e interpretação o seu contexto, sua subjetividade? Será que o tipo de biblioteca, sua comunidade e a organização que a mantém não influenciaria na indexação? Foram alguns questionamentos que realizei perante as regras que institucionalizam a representação do documento de forma que expresse exclusivamente o conteúdo.

Como trabalho de conclusão de curso realizei um estudo que analisava a atividade de indexação em diferentes áreas do conhecimento. Esse trabalho buscou identificar os procedimentos de indexação nas áreas de Ciências Exatas e da Terra, das Ciências Humanas e da Linguística, Letras e Artes. A partir da experiência do trabalho de conclusão de curso decidi para a pesquisa de mestrado estudar a indexação por tipos de bibliotecas e não por área do conhecimento. Com alguns estudos de campo realizados em diferentes tipos de bibliotecas, em Belo Horizonte, o interesse pela mudança foi confirmado.

Assim, a idéia foi amadurecendo e resultou nesta dissertação que parte da seguinte interrogação: *como ocorre o processo de indexação na realidade profissional?*

Esta pesquisa trabalha com o objeto indexação, referindo-se ao processo de análise do livro para a atribuição de conceitos e a tradução desses conceitos para a linguagem de indexação. O universo de estudo é o de bibliotecários indexadores e a amostra são de profissionais da área de diferentes tipos de bibliotecas de Juiz de fora, a escolha da cidade foi devido à minha mudança para ela. Conhecer várias bibliotecas da cidade foi um aprendizado muito interessante para mim como bibliotecária. Minha aproximação da cidade foi através das bibliotecas conhecendo um pouco mais das histórias de Juiz de Fora.

Há diferentes maneiras de se estudar o processo de indexação, este estudo é uma forma de problematizá-lo do ponto de vista fenomenológico, ou seja, o bibliotecário será analisado como um sujeito social que constrói a realidade. Assim, não se objetiva a encontrar leis, mas identificar os significados dados pelo indexador durante o processo da análise do documento. Como objetivo geral, *busca-se compreender como efetivamente acontece o processo de indexação na prática profissional*. Tendo como objetivos específicos: identificar os vários fatores que atuam no processo de indexação; mapear os diferentes fatores em diversos tipos de bibliotecas; analisar o bibliotecário como um sujeito social durante sua atividade de indexação.

O referencial teórico deste estudo possui quatro tópicos. O primeiro tópico descreve a instituição da biblioteca, apresentando seus vários tipos, e o profissional bibliotecário com sua missão.

O segundo tópico descreve algumas formas de representação do conhecimento e como estas formas podem influenciar na compreensão da indexação.

No terceiro, são apresentadas algumas metodologias de indexação. Os métodos apresentados foram desenvolvidas por alguns autores e por algumas instituições, como a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

No quarto, são apresentadas as influências das diferentes abordagens da Ciência da Informação na indexação, mostrando o que ocasiona na prática.

A metodologia possui três tópicos. O primeiro descreve a relação do paradigma social da Ciência da informação com a fenomenologia, e o significado desta na sociologia.

O segundo, apresenta alguns fundamentos do conhecimento na vida cotidiana, que são a realidade da vida cotidiana, as interações e a linguagem.

Já no terceiro, são descritos os estudos fenomenológicos, apresentando como ocorrem esses estudos na prática.

Os instrumentos metodológicos possuem três tópicos. O primeiro é a definição da amostra, o segundo, apresenta a coleta de dados e, o terceiro, é a organização e análise dos dados.

A análise dos dados possui cinco tópicos e está dividida em fatores ligados ao indexador, fatores ligados ao vocabulário, fatores ligados ao documento, fatores ligados ao 'processo' e à metáfora.

Ao final da dissertação, realizamos algumas considerações finais.

Acredita-se que entender o processo de indexação na prática profissional sob a perspectiva do paradigma social da Ciência da Informação, utilizando o método fenomenológico, justifica-se pela necessidade da compreensão da construção do processo de análise do documento. Assim, este estudo proporcionará uma abrangência teórica maior sobre a atividade do indexador, pois trará uma abordagem diferenciada das teorias tradicionais utilizadas no processo de indexação.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A biblioteca e seu profissional

A biblioteca é uma instituição educativa, na qual há o incentivo à leitura; é um símbolo de cultura, pois é nela que temos o resguardo do material cultural; e é uma instituição humana, pois é orientada para o indivíduo (LITTON, 1975a, p. 46).

A imagem da biblioteca sofreu alterações durante os anos. No início, era uma instituição orientada para guardar o material cultural da humanidade. Posteriormente, ela passou a organizar a informação, buscando disseminá-la para o usuário.

A mudança na linha do tempo da Antiguidade para a Idade Média não ocasionou grandes variações nas bibliotecas. A sua natureza, organização e função permaneceram nesses dois períodos. As bibliotecas não mudaram sua imagem ou sua representação, o que houve foram pequenas modificações.

Assim, o que caracteriza as bibliotecas da Antiguidade é a sua constituição com tabletes de argila ou, posteriormente, com rolos de papiro e pergaminho: o manuscrito enrolado se mantém até ao ano 300, mais ou menos, aparecendo o codex por volta do século IV. A partir de 1470, isto é, já no século XV, começam a aparecer o que chamaríamos de formatos modernos, isto é, livros menores, com a folha dobrada, da mesma forma por que aparecem as primeiras margens. Essas datas todas já nos colocam em plena Idade Média, onde entramos insensivelmente: ainda por ai se vê que as bibliotecas medievais, como dissemos, não passam de prolongamentos das bibliotecas antigas. (MARTINS, 2002, p. 80).

As modificações nas bibliotecas mais perceptíveis durante a Idade Média foram relacionadas ao aumento do volume do acervo e aos tipos de materiais de que os livros eram feitos; além da argila, começaram a utilizar materiais vegetais e animais, gerando o papiro e o pergaminho.

Neste período, as bibliotecas mantiveram “[...] seu caráter religioso, não pela matéria dos livros que continham, mas pela natureza dos seus órgãos mantenedores e administrativos.” (MARTINS, 2002, p. 323). Como a maioria das bibliotecas era mantida por instituições religiosas, a informação não era acessível a qualquer cidadão, de forma que essas instituições não difundiam seu acervo, ao contrário o acesso era restrito, sendo permitido somente para algumas pessoas dessas instituições religiosas. Outras instituições que possuíam bibliotecas, como

por exemplo, as universidades, também não se propunham disseminar a informação.

Durante a Idade Média, a ocupação com os livros ainda é infra-social, não aparece para o público: está latente, secreta, pode-se dizer, intestina, confinada no recinto secreto dos mosteiros. Nas próprias universidades não se destacava essa prática. Nelas se guardavam os livros necessários à prática do ensino, do mesmo modo, nem mais nem menos, como se guardariam os utensílios de limpeza. Ser guardião dos livros não era algo especial. (ORTEGA Y GASSET, 2006, p. 18-19).

A partir das afirmações acima, percebe-se que a natureza da biblioteca era de guardar os livros. Para Martins (2002, p. 323) “[...] desde os seus primeiros dias até aos fins da Idade Média, o que o seu nome indica etimologicamente, isto é, um depósito de livros, e mais o lugar onde se esconde o livro do que o lugar de onde se procura fazê-lo circular ou perpetuá-lo.”

Na aceção de Silva (2002, 2008, 2010), quando a biblioteca é considerada um local para resguardar as obras é denominado como um paradigma custodial, patrimonialista, historicista e tecnicista.

O paradigma custodial e patrimonialista desenvolveu-se, sobretudo, a partir de uma formação localizada e centrada no locus profissional (Arquivos, Bibliotecas e Museus), com suas tarefas e exigências práticas que se sobrepujam a eventuais preocupações teóricas e reflexivas. (SILVA, 2010, p.11).

Silva e Ribeiro (2004), afirmam que o paradigma custodial é centrado no objeto “documento” com uma vertente tecnicista, dirigida principalmente para questões de normalização, para tratamento técnico e para recuperação de informação. No processo de tratamento técnico, a indexação é trabalhada com técnicas mais de senso comum do que técnicas teóricas, refletindo o paradigma custodial. Os autores afirmam que esse paradigma possui “uma perspectiva redutora que aliena as problemáticas relativas ao contexto orgânico de gênese/produção da informação e aos comportamentos psico-sociológicos inerentes ao uso/pesquisa.” (SILVA; RIBEIRO, 2004, p.2).

Durante o período da Idade Média, a função de guardar os documentos não era exclusiva da biblioteca, mas também dos museus e dos arquivos. Com o surgimento da tecnologia da impressão, a imagem da biblioteca começa a ser redefinida, como muito bem delineado por Ortega no recorte a seguir:

Durante a Idade Antiga e a Idade Média, museus, arquivos e bibliotecas constituíam praticamente a mesma entidade, pois organizavam e armazenavam todos os tipos de documentos. Esta entidade manteve-se

inalterada até a Idade Moderna quando a produção dos livros tipográficos, entre outros motivos, levou a que as bibliotecas passassem a existir separadamente e a adquirir maior relevância enquanto elemento social. (ORTEGA, 2004, on-line).

O período renascentista afirma as modificações na natureza da biblioteca. Posterior a este período, o livro não era uma vigência social; é a partir do Renascimento que essa visão sobre o livro muda. Desta forma, quando o livro torna-se uma vigência social emerge a profissão do bibliotecário. (MARTINS, 2002; ORTEGA Y GASSET, 2006). Pelas palavras de ORTEGA Y GASSET, podemos depreender que:

[...] somente no alvorecer do Renascimento é que começa a delinear-se na área pública, diferenciar-se dos outros tipos genéricos de vida, a figura do bibliotecário. E não por coincidência! É precisamente a época em que também, pela primeira vez, o livro, no sentido mais estrito da palavra, não o livro religioso, nem o livro de leis, mas escrito por um escritor, portanto, o livro que pretende ser somente livro e não revelação ou código, é precisamente a época em que, também pela primeira vez, o livro é sentido socialmente como necessidade. (ORTEGA Y GASSET, 2006, p.18-19).

Observa-se que as mudanças sociais desta época trouxeram modificações expressivas para a biblioteca. Abandonando a função de depósito de livros, a biblioteca assume uma função mais ativa, sendo um agente. “À sua passividade substitui-se um salutar dinamismo, a iniciativa de uma obra que é, ao mesmo tempo, de socialização, especialização, democratização e laicização da cultura.” (MARTINS, 2002, p. 325).

[...] a biblioteca acompanhou, como não podia deixar de ser a própria evolução social que é, a partir da Renascença, uma nítida e cada vez mais sólida laicização. Em particular no que se refere a cultura, esse movimento é de uma evidencia que dispensa maiores comentários. [...] assim como o livro perde o seu caráter de objeto sagrado e secreto para se transformar num instrumento de trabalho posta ao alcance de todas as mãos; assim como toda a vida social submete-se cada vez mais a “documentos” e não a “dogmas”, a “contratos” e não a mandamentos, a “crítica” e não a “revelações” – assim também a biblioteca passa a gozar, nos tempos modernos, do estatuto de instituição leiga e civil, pública e aberta, tendo o seu fim em si mesma e respondendo a necessidades inteiramente novas. (MARTINS, 2002, p. 323).

Assim, a biblioteca torna-se uma instituição pública. Além de estar aberta ao público, ela vai à busca de usuários, não somente para oferecer serviços de leitura, mas também para suprir qualquer necessidade informacional. Nesta nova formação, ela pode ser considerada como um bem para humanidade. Hoje, ela visa proporcionar a informação aos seus usuários. “O objetivo principal, a razão de ser das bibliotecas, consiste no atendimento às demandas do público quanto aos

registros do conhecimento, ou seja, quanto ao conteúdo dos itens, suportes físicos do conhecimento.” (MEY, 1995, p. 1).

De acordo com Silva (2002, p. 585), “o desenvolvimento da ciência e da técnica aplicadas ao progresso industrial e econômico requeria um acesso rápido e fácil aos livros, revistas, boletins especializados e respectivos artigos ou seções temáticas.” O acesso ao documento era cada vez mais importante pelo conteúdo e menos pelo formato. Observa-se assim a mudança de enfoque do suporte para a informação.

Esse momento marcado pela valorização da necessidade e uso do conteúdo informacional foi denominado por Silva (2010) de pós-custodial, informacional e científico. A mudança do paradigma custodial para o pós custodial não ocorreu através de uma interrupção, mas através de uma transição atual e gradual. Na concepção de Silva,

[...] o olhar descentrou-se: saiu do serviço ou do sistema, para quem o utilizador era um destinatário passivo que deveria ser satisfeito à medida das possibilidades da entidade mediadora (a mediação é um ponto central dentro do processo de transição do paradigma custodial, patrimonialista, historicista e tecnicista para o emergente paradigma pós-custodial, informacional e científico), e tem vindo a centrar-se nas necessidades, estratégias de busca e meandros do uso. (SILVA, 2008, p.18).

Assim, o paradigma pós custodial dá ênfase no processo de busca e uso da informação, procurando compreender o processo de interação entre os seres e os processos colaborativos.

Em suma, a biblioteca originou-se para a preservação; posteriormente, sua função foi oferecer acesso à cultura, aumentando seu prestígio. As obras passam a ser trabalhadas visando sua disseminação. Vale reiterar que Ortega ressalta que o tratamento dos documentos ocorre de forma mecânica, não considerando o contexto.

A Biblioteconomia tem origem efetiva na atividade de preservação das unidades do conhecimento registrado, alterando-se com o tempo por meio da democratização do acesso à educação e à cultura em atividade de gestão de serviços de biblioteca, porém sem constituir área cientificamente fundamentada no seu todo. É marcada pela intensa disseminação de seus equipamentos físicos, as bibliotecas, muitas das quais estabeleceram redes cooperativas de catalogação, cujos laços são essencialmente produtivos e formais, mas não estabelecidos com base na informação e seu contexto de produção e uso. (ORTEGA, 2004, on-line).

Em detrimento disso, Ortega relata que apesar do bem à humanidade que a biblioteca traz, organizando e disseminando a informação, ela precisa sair da

postura tradicional tecnicista, refletindo mais sobre sua prática considerando as interações e seu contexto.

Dos méritos da Biblioteconomia, os maiores talvez tenham sido a preservação dos documentos acumulados pela humanidade, a prestação de serviços para acesso e uso destes documentos e a possibilidade (não a efetividade) do acesso e uso de seus conteúdos. Entretanto, ressalvas são feitas ao apego às tradições e regras estabelecidas, à dificuldade de constituição científica enquanto área do conhecimento (apesar de ser nomeada como organizadora de unidades do conhecimento de outras áreas) e à resistência em desenvolver uma postura mais reflexiva e uma ação profissional com viés intelectual e político, que considere os modelos teóricos em contínua interação com a prática e segundo seus contextos de implantação. (ORTEGA, 2004, on-line).

Alguns autores enumeraram as funções de uma biblioteca. Para Litton (1975a, p. 2-5) ela tem a função de administração, “o diretor é responsável pelo desenvolvimento do plano de administração, como tal, deve fazer previsão de tudo que for preciso para que a instituição funcione eficientemente”; formação das coleções, “a natureza e o conteúdo de uma coleção bibliográfica são questões determinadas pelo tipo de biblioteca e pelas necessidades de seus leitores”; livre acesso ao material, a instituição deve facilitar o uso da coleção bibliográfica, como por exemplo, a catalogação. “Bibliografias, índices e listas constituem outras tantas vias de acesso, distintas e importantes para localizar informações sobre determinados temas de interesse para o leitor”; atendimento ao usuário, “todas as atividades de uma biblioteca estão dirigidas pra o mesmo fim: servir aos leitores com a maior rapidez e eficiência possível”. Araújo e Oliveira (2005) apresentam três funções para a biblioteca; são elas: a gerencial, na qual encontra-se gestão e políticas para o desenvolvimento da biblioteca; a função organizadora, que representa as atividades especializadas do bibliotecário (seleção, catalogação, classificação e indexação); e a função divulgação, que nada mais é que a disseminação da informação.

Uma definição das funções de uma biblioteca que se considera adequada é apresentada por Araújo e Dias, que relatam sobre três funções. Vale dizer que nenhuma função deve sobressair sobre a outra, já que uma é tão importante quanto a outra.

[...] temos que a primeira função da biblioteca é a preservação dos registros da informação, o que motivou a criação da biblioteca. A segunda é a organização da informação. Para tanto, foram desenvolvidas e aperfeiçoadas técnicas de catalogação, classificação e indexação. A terceira é a disseminação da informação. Esta função é desempenhada através da

criação e oferta de vários serviços e produtos de informação. (ARAÚJO; DIAS, 2005, p. 118).

As funções são para todos os tipos de bibliotecas; o que as diferenciam são sua finalidade, seu público atendido, seu acervo. Araújo e Oliveira apresentam algumas peculiaridades dos tipos de bibliotecas.

Nacionais – têm como principal finalidade a preservação da memória nacional, isto é, da produção bibliográfica e documental de uma nação.

Públicas - surgiram com a missão de atender às necessidades de estudo, consulta e recreação de determinada comunidade, independente de classe social, cor, religião ou profissão.[...].

Universitárias - a finalidade desse tipo de biblioteca é atender às necessidades de estudo, consulta e pesquisa de professores e alunos universitários.

Especializadas - são aquelas dedicadas à reunião e organização de conhecimentos sobre um só tema ou de grupos temáticos em um campo específico do conhecimento humano.

Escolar - são destinadas a fornecer material bibliográfico necessário às atividades de professores e alunos de uma escola

Infantis – devem estar mais voltadas para a recreação e proporcionar outras atividades como: escolinhas de arte, exposição, dramatizações etc. [...]

Especiais – são aquelas que se destinam a atender a um tipo especial de leitor e, por isso, detêm um acervo especial, como, por exemplo, as bibliotecas para deficientes visuais, presidiários e pacientes de hospitais.

Biblioteca ambulante ou Carro-biblioteca ou Bibliobus – são bibliotecas volantes, que objetivam a extensão dos serviços bibliotecários às áreas suburbanas e rurais, quando estes são deficientes ou inexistentes. São serviços de extensão de bibliotecas já existentes, como bibliotecas públicas ou universitárias.

Popular ou comunitária – é um tipo de biblioteca criada e mantida pela comunidade. Temos os mesmos objetivos da biblioteca pública, mas não se vincula ao poder público. É mantida por órgãos, como associações de moradores, sindicatos e grupos estudantis. (ARAÚJO; OLIVEIRA, 2005, p. 37).

No que tange à perspectiva de Almeida Júnior (2004), a divisão clássica para a tipologia das bibliotecas é: a pública, a escolar, a universitária e a especializada. As bibliotecas públicas atendem diversos tipos de usuários, e uma de suas atuações principais é a orientação na obtenção da informação. As bibliotecas escolares possuem usuários mais definidos e lidam com uma responsabilidade didático-pedagógica. As bibliotecas universitárias possuem um público com interesses específicos e a demanda de informação principal é a literatura básica dos programas de cursos. A biblioteca especializada possui um usuário específico e o bibliotecário deve ser aquele que refina a informação para fornecê-la de forma

específica, diferentemente de todas as outras citadas acima, que o bibliotecário orienta o usuário a encontrar a informação necessitada.

Como é visto acima nos diversos tipos de bibliotecas, existem diferenças no acervo, no público atendido e na instituição mantenedora e, tudo isso, influencia no trabalho do bibliotecário; inclusive na atividade de tratamento da informação: um exemplo prático é aquele concernente à necessidade de um vocabulário mais específico ou mais geral dependendo da tipologia da biblioteca.

Se voltarmos um pouco no tempo, veremos que ao longo do século XX, além da variedade dos tipos de bibliotecas, esta instituição começa a lidar com outros materiais, como os audiovisuais (VHS, disquete, CD, DVD, banco de dados) que necessitam de um instrumento tecnológico para ser utilizado, diferentemente da tradicional impressão. Segundo o *Occupational Outlook handbook* (BUREAU OF LABOR STATISTICS, 2010-11, *tradução nossa*), o conceito tradicional de uma biblioteca versa sobre a necessidade de ser redefinido “[...] de um lugar para acessar os registros em papel ou livros para um que também abriga os mais avançados recursos eletrônicos, incluindo a Internet, bibliotecas digitais e acesso remoto para uma ampla gama de fontes de informação.”

Com a evolução tecnológica também houve modificações nos instrumentos de trabalho, como podemos ver no tratamento não automatizado (fichas catalográficas) para o tratamento automatizado (computador). Hodiernamente, o bibliotecário combina atividades tradicionais com atividades que envolvem novas tecnologias. De acordo com o *Occupational Outlook handbook*, esses profissionais:

[...] ajudam as pessoas a encontrar informações e utilizá-las eficazmente para fins pessoais e profissionais. Devem ter o conhecimento de uma ampla variedade de fontes de informação acadêmica e pública e devem acompanhar as tendências relacionadas à publicação, computadores e os meios de comunicação para supervisionar a seleção e organização dos materiais de biblioteca. Bibliotecários gerenciam pessoas, desenvolvem e dirigem sistemas e programas de informação para o público, e garantir que a informação esteja organizada de uma forma que atenda às necessidades dos usuários. (BUREAU OF LABOR STATISTICS, 2010-11, *tradução nossa*).

Além dos preparos técnicos que o bibliotecário deve ter para desenvolver sua profissão, é necessário também conhecer seu papel social e cultural para a humanidade. Neste ínterim, Litton se posiciona dizendo que:

[...] o bibliotecário é um soldado raso a serviço da cultura e desempenha função legitimamente social, que consiste não em ler livro e sim em fazer com que o público os leia e consulte. Para desempenhar esse importante papel social e cultural, o bibliotecário deve ter um sólido preparo humanista, além da formação profissional, e deve ser bom conhecedor da natureza humana. (LITTON, 1975a, p. xx).

Observa-se, assim, que para a formação de um bibliotecário é necessário a formação de nível superior, mas também é preciso que o profissional busque ter um conhecimento sobre o ser humano e tenha um sentimento inerente de ajudar o outro em suas necessidades de informação.

2.2 Tratamento temático: indexação

Quando analisamos a biblioteca, podemos visualizá-la como um sistema, afinal as atividades realizadas pelos bibliotecários podem ser divididas em vários subsistemas. Os dois mais importantes são os subsistemas de entrada, onde se encontram as atividades de desenvolvimento da coleção, tratamento da informação e armazenamento, e os de saída, que são as atividades de negociação de questões, estratégias de busca, busca e disseminação. (DIAS; NAVES, 2007).

A atividade de tratamento, que será trabalhada neste estudo, encontra-se no subsistema de entrada e é responsável por descrever aspectos físicos e aspectos de conteúdos dos documentos. A designação do termo 'tratamento da informação' na prática e na literatura pode variar, sendo comum referir-se a esse trabalho como:

- a) Catalogação: que seria o trabalho de descrever os aspectos físicos do documento. Esse serviço gera - como produtos - os catálogos;
- b) Classificação: que identifica o conteúdo do documento, e o assunto principal seria traduzido para um sistema de classificação bibliográfica que determina um local para o documento em uma coleção;
- b) Indexação: que também identifica o conteúdo do documento com o objetivo de facilitar a recuperação. Esta atividade possui dois sentidos, o primeiro é organizar a informação referente, criando índices e, o segundo, equivale à catalogação de assunto.
- c) Metadados: refere-se à descrição física dos recursos eletrônicos nas bibliotecas digitais;

d) Ontologias: trabalho de organização do conteúdo dos documentos digitais, visando a sua recuperação. (ARAUJO; OLIVEIRA, 2005; DIAS; NAVES, 2007).

Todas essas atividades são desenvolvidas pelo bibliotecário, também chamado de profissional da informação. Neste estudo, o foco será no tratamento do conteúdo dos documentos, mais especificamente, a indexação.

Dias e Naves (2007) apresentam as variações existentes para o termo indexação. Nesta dissertação o termo será trabalhado de acordo com o segundo sentido atribuído.

No contexto do tratamento da informação, o termo indexação possui dois sentidos: um, mais amplo, quando se refere à atividade de criar índices, seja de autor, título, assunto, tanto de publicações (livros, periódicos) quanto de catálogos ou banco de dados, em bibliotecas ou centros de informação. O outro sentido, mais restrito, se refere apenas à indexação ou à catalogação de assuntos das informações contidas em documento. (DIAS; NAVES, 2007, p. 27).

Em sua obra Litton (1975b) discorre sobre a determinação do cabeçalho de assunto. Este autor afirma que para designar o assunto de um documento é necessário realizar um exame detalhado da publicação que consiste em:

- a) uma demorada inspeção da página de rosto;
- b) um repasse dos títulos dos capítulos enumerados no conteúdo;
- c) uma leitura do prefácio, para captar o propósito do autor e conhecer suas explicações sobre o alcance de sua obra;
- d) a consulta do índice alfabético de assuntos; e
- e) por último, a leitura da introdução ou conclusão. (LITTON, 1975b, p. 66).

De acordo com Litton (1975b), este exame revelará o assunto da obra. Com o assunto determinado, devem-se escolher na lista de cabeçalho de assunto os termos que irão representar melhor o assunto do livro. Para escolher os cabeçalhos, este autor aponta a dificuldade dessa tradução do vocabulário livre do bibliotecário para o vocabulário controlado do cabeçalho de assunto, e estes descrevem somente parcialmente o conteúdo registrado nos livros. De qualquer modo, estes cabeçalhos de assunto “são mais uniformes e corretos para a interpretação do conteúdo das obras, quando a instituição adota e se restringe unicamente a uma lista autorizada.” (LITTON, 1975b, p. 68).

Sob esta perspectiva, Albrechtsen relata as normas internacionais que indicam uma metodologia para uma boa prática de indexação. Essa metodologia, na acepção da estudiosa, possui geralmente duas fases. São elas:

1. Análise de assunto de um documento e expressão da informação percebida em uma concreta indicação lingüística.
2. Atribuir a um documento com termos eliciados na instrução lingüística, em que estes podem ser traduzidos em conformidade com a terminologia de um vocabulário controlado com um léxico ou um sistema de classificação. (ALBRECHTSEN, 1993, p. 219).

A primeira fase apresenta uma tarefa de difícil realização, considerada por Albrechtsen (1993, p. 219) como um desafio, que é “[...] encontrar o(s) assunto(s) de um documento.”

De acordo com a Norma 12.676, da ABNT (1992, p. 2), essa atividade compreende três etapas: “exame do documento e estabelecimento do assunto de seu conteúdo; identificação dos conceitos presentes no assunto; tradução desses conceitos nos termos de uma linguagem de indexação.”

Dessa forma, indexação “é a ação de descrever e identificar um documento de acordo com seu assunto. Durante a indexação, os conceitos são extraídos do documento através de um processo de análise e então traduzidos para os termos dos instrumentos de indexação.” (SANTOS; RIBEIRO, 2003, p.122).

Observa-se que muitos autores anseiam por metodologias mais rigorosas e objetivas, que auxiliem o bibliotecário na identificação do conteúdo. Para Kobashi (1994), a análise documentária atribui seu êxito ao bom senso e à experiência do indexador. Entretanto, essas habilidades inatas ou adquiridas durante suas experiências não auxiliaram a investigação sistemática nem a criação de metodologias que gerassem mudanças na área. Assim, Kobashi relata sobre o vazio teórico do processo de indexação mostrando como ele ocorre de forma pouco científica.

Na realidade, criou-se um vazio teórico e metodológico, cujo reflexo mais visível pode ser observado nas inúmeras regras de elaboração de informações documentárias, as quais, embora caracterizem e qualifiquem os produtos desejados, não apresentam indicações objetivas sobre o modo de obtê-los. (KOBASHI, 1994, p. 8).

O Quadro 1 contém definições da atividade de indexação apresentada por vários autores.

QUADRO 1 – Definições de indexação

Definição	Autor
“Consiste na descrição dos conteúdos dos documentos e possui como principal objetivo a recuperação da informação desejada pelo usuário.”	Araujo; oliveira , 2005 p.41.
“É a ação de descrever e identificar um documento de acordo com seu assunto. Durante a indexação, os conceitos são extraídos do documento através de um processo de análise e então traduzidos para os termos dos instrumentos de indexação.”	Santos; Ribeiro, 2003, p.122.
“Análise documentária é definida como um conjunto de procedimentos efetuados com o fim de expressar o conteúdo de documentos sob formas destinadas a facilitar a recuperação da informação.”	Cunha,1990, p.59.
“Análise documentária é constituída por um conjunto de operações (umas de ordem intelectual, outras mecânicas e repetitivas) afetando o conteúdo e a forma dos documentos originais, reelaborando-os e transformando-os em outros de caráter instrumental ou secundário, com o objetivo de facilitar ao usuário a identificação precisa, a recuperação e disseminação.”	Pinto Molina, 1989, p. 328, tradução nossa.
“indexação é o processo de: discernir a essência de um documento e representar essa essência com um grau suficiente de predicabilidade e fidelidade, isto é num modo de expressão em linguagem documentária.”	Fugmann, 1985 apud Dias; Naves, 2007, p. 28.
“a indexação é o processo de descrever e caracterizar um documento usando representações dos conceitos contidos no presente documento, isto é, para os conceitos serem transcritos na linguagem documentária depois de terem sido extraídos a partir da análise do documento.”	UNISIST, 1975, p.2.

Os autores definem a indexação como a ação de descrever, discernir, expressar o conteúdo do documento, mas não fazem indicações objetivas de como realizar essa atividade como asseverado por Kobashi (1994). Observa-se que mesmo as diretrizes apresentadas anteriormente não conseguem objetivar o processo de indexação.

Frohman (1990) acredita que as inconsistências na atividade de indexação serão resolvidas com regras explícitas, bem formuladas e precisas. Pinheiro (1978, p. 109) estudou sobre a consistência da indexação e afirma que “não existem critérios objetivos de indexação e os termos podem ser considerados mais pertinentes, mais informativos, mais relevantes etc.”

Dessa forma, as metodologias de indexação não contribuem para a determinação dos termos. Observa-se, assim, uma contradição nas metodologias que buscam o rigor em suas diretrizes para auxiliarem os bibliotecários na atividade de indexação; de todo modo, o que tem ocorrido são metodologias que não auxiliam na parte mais complexa da atividade.

2.3 Representação do conhecimento como transferência da informação

A atividade de indexação pode ser entendida como um processo de representação, sendo uma representação específica ligada ao conjunto de atividades do fazer biblioteconômico. A representação do conhecimento, visando à transferência da informação, passou por um período no qual os modelos estruturais e sistêmicos são à base de sua interpretação. “A cultura local, os estilos de conhecimento, as representações coletivas e a estética (no duplo sentido de imagem e sensorialidade)” (GONZÁLEZ DE GOMEZ, 1993, p. 218) são considerados como problemáticos para a representação. Entretanto, “o novo horizonte problemático abre espaço a modelos analíticos descritivos, relacionais, construtivistas, que permitam focalizar o papel dos atores e as práticas sociais de comunicação e informação.” (GONZÁLEZ DE GOMEZ, 1993, p. 218).

De acordo com González de Gomez (1993, p. 218), o conhecimento, “enquanto relação do pensamento com o real” passa por três mudanças no quadro da cultura ocidental: o momento ontológico, o gnosiológico e a virada semiótica. Para o primeiro momento, conhecer não significava representar, somente era necessário passar pela razão. González de Gomez (1993, p. 218) afirma que no período ontológico “a excelência do conhecer não passa pelo representar. O solo do conhecimento é ontológico; a vizinhança do homem com o mundo, da ordem do ser, precede e legitima toda vinculação predicativa, na ordem do juízo.” Dessa forma, o conhecimento conhecido como ontológico é aquele da ordem do ser através da razão.

A partir do momento gnosiológico, o conhecimento passou a ser representado. Assim, podemos fazer algumas relações das diferentes formas de conhecer o real, apresentado por González de Gomez (1993), com os paradigmas percorridos por Capurro (2003) e com as concepções do processo de indexação, relatadas por Albrechtsen (1993).

Capurro (2003) em seu artigo intitulado “Epistemologia e Ciência da Informação” apresenta três paradigmas da Ciência da Informação: o paradigma físico, o cognitivo e o paradigma social. É importante ressaltar que esses paradigmas não são uma evolução do outro, afinal ter um paradigma não é necessário que haja a exclusão do outro. Esses três elementos podem ser desenvolvidos paralelamente um com o outro na Ciência da Informação.

Já Albrechtsen (1993) em seu artigo “Subject analysis and indexing” relata sobre o indexador, apresentando a análise de assunto em três perspectivas. A seguir, encontra-se o modelo das concepções de análise de assunto (QUADRO 2).

QUADRO 2 – Interconexão entre as concepções de análise de assunto, os tipos de informação e o método de indexação

Conception of Subject Analysis and Indexing	Type of subject information	Indexing method
Simplistic Conception	Explicit information	Extraction
Content-oriented Conception	Implicit information	Assignment
Requirements-Oriented Conception		

.....Fonte: Albrechtsen (1993, p.220).

O primeiro paradigma abordado por Capurro (2003) é o paradigma físico, no qual existe um objeto físico que é transmitido por um emissor e recebido por um receptor. A apropriação da teoria matemática da comunicação de Shannon e Weaver (1949), pela Ciência da Informação, pode ser um exemplo da busca de exatidão. Essa teoria explica a transmissão de uma informação desde a emissão até a recepção, ela considera os fatores externos como ruídos, ou seja, os fatores externos atrapalham a transmissão exata da mensagem. Ainda na concepção de Capurro, a teoria matemática da comunicação

[...] implica numa analogia entre a veiculação física de um sinal e a transmissão de uma mensagem, cujos aspectos semânticos e pragmáticos intimamente relacionados ao uso diário do termo informação são explicitamente descartados por Shannon. (CAPURRO, 2003, on-line)

O paradigma físico possui semelhança com a concepção simplista, esta analisa o documento acreditando ser possível a neutralidade por parte do indexador, desenvolvendo a mesma visão desse paradigma. A forma de representar os documentos durante a análise de assunto, nesta concepção, é realizada com métodos que buscam conceitos absolutos. Já para Albrechtsen, a concepção simplista

[...] considera os assuntos como entidades objetivas absolutas que podem ser derivadas como abstrações lingüísticas diretas de documentos ou ser

resumidas como figuras matemáticas, usando métodos de indexação estatística. De acordo com esta concepção, a indexação pode ser inteiramente automatizada. (ALBRECHTSEN, 1993, p. 220, tradução nossa)

O método de indexação utilizado para essa concepção é por extração, sendo, pois, o ato de extrair palavras do documento. Esse tipo de indexação tem a visão que o bibliotecário irá retirar as palavras do documento sem nenhum ruído, ou seja, sem influência de fatores externos, podendo inclusive ser realizada por máquinas.

O segundo paradigma apresentado por Capurro (2003, on-line) é o cognitivo; neste, “os conteúdos intelectuais formam uma espécie de rede que existe somente em espaços cognitivos ou mentais.” Aqui, o sujeito é considerado nos processos informacionais, mas permanece cognoscente, “deixando de lado os condicionamentos sociais e materiais do existir humano.” (Capurro, 2003, on-line)

A relação que o paradigma cognitivo possui com a concepção orientada para o conteúdo é a visão dos sujeitos, mas ainda associal. Assim, essa concepção valoriza o profissional da informação para analisar o documento, pois os conceitos estão além da estrutura superficial, mas essa visão é orientada para o significado. Na esteira de Albrechtsen,

A concepção orientada para o conteúdo envolve uma interpretação do conteúdo do documento que vai além do léxico e às vezes da estrutura gramatical (...). A análise de assunto do conteúdo do documento envolve a identificação de tópicos ou assuntos que não são explicitamente mencionados na estrutura superficial de um documento, mas eles são facilmente percebidos por um indexador humano. Por isso, envolve uma abstração mais indireta do documento em si. (ALBRECHTSEN, 1993, p. 220, tradução nossa)

O método de indexação utilizado para essa concepção é por extração e atribuição, quando se utiliza esses dois métodos há a necessidade do bibliotecário para poder assimilar os assuntos que não se encontram na estrutura superficial do documento.

Assim, esses dois paradigmas e essas duas concepções acreditam que os significados dos documentos não sofrem influências; as representações realizadas através destas concepções são consideradas neutras. Na primeira perspectiva, o assunto do documento é analisado como se fosse uma entidade absoluta, podendo ser indexado automaticamente. A segunda perspectiva valoriza o sujeito, devido à sua natureza de conseguir interpretar além da estrutura superficial do documento, conseguindo absorver melhor o conteúdo do mesmo. Assim,

podemos relacionar essas visões ao segundo momento apresentado por González de Gomez (1993), no qual o conhecimento era representar e estas representações são gerais, sendo transculturais e transindividuais.

Se voltarmos às concepções de González de Gomez (1993), veremos que, para o segundo momento, era necessário representar para conhecer e isso só era possível através da consciência. Para o estudioso, é “a partir desse momento, conhecer é representar, e o mundo como totalidade do contexto da experiência é, enquanto representado pela consciência, que é agora o lugar da representação, o próprio solo do conhecimento. colocar ponto depois das aspas.” (GONZÁLES DE GOMEZ, 1993, p. 219). Dessa forma, esse período é marcado por um momento gnosiológico, no qual conhecer é representar, afinal o mundo só existe enquanto representado.

Os princípios das operações conceituais do entendimento – as categorias – e as formas da intuição pertencem ao sujeito em geral e, como tais, impõem suas condições aos sujeitos individuais em suas experiências concretas. São transculturais e transindividuais. (GONZÁLES DE GOMEZ, 1993, p. 220).

Em outra concepção, Capurro (2003) apresenta o terceiro paradigma denominado social. Este paradigma possui uma abordagem diferente do paradigma físico e do cognitivo; ele abordaria o sujeito de forma isolada ou somente como sujeito cognoscente. O paradigma social visa à interação do sujeito com o ambiente externo, ou seja, com o social que se encontra.

Na acepção de Capurro (2003), a avaliação de um sistema de informação – para o paradigma social - não é baseada na correspondência dos dados que são registrados no sistema, mas, sim, na importância dada pelos usuários aos dados que estão no sistema de informação. Dessa forma, a consequência prática do paradigma social “é o abandono da busca de uma linguagem ideal para representar o conhecimento ou de um algoritmo ideal para modelar a recuperação da informação a que aspiram o paradigma físico e o cognitivo.” (CAPURRO, 2003, *on-line*).

A aproximação do paradigma social com a concepção orientada a necessidade, apresentada por Albrechtsen (1993), é a relação com o social. Esta concepção preocupa-se com a transmissão do conhecimento ao usuário interessado, não deixando de lado seu contexto. Sob esta ótica, Albrechtsen nos diz que,

A concepção orientada a necessidade considera o cabeçalho de assunto como instrumento para transferência de conhecimento, portanto, com o objetivo de encontrar a informação pragmática ou conhecimento. Segundo essa concepção, os documentos são criados para transmissão do conhecimento, e cabeçalhos de assunto devem ser adaptados para funcionar como instrumento de mediação e processamento deste conhecimento a pessoa interessada. (ALBRECHTSEN,1993, p. 221, tradução nossa)

O método de indexação utilizado para essa concepção é por atribuição, no qual o indexador imputa um significado ao documento. Esse movimento apresenta a apropriação do significado pelo sujeito e seu social.

O paradigma social e a concepção orientada a necessidade possuem aproximações com o terceiro momento da representação apresentado por González de Gomez (1993), que apresenta a linguagem como base do conhecimento.

No terceiro momento, denominado a virada semiótica, a representação do conhecimento é fundamentada na linguagem. Assim a representação:

[...] manifesta-se como autônoma, independente do sujeito e do objeto do conhecimento. Nesse momento, o solo do conhecimento é a linguagem, sistema de significados ou matéria sinalética. A questão do acesso aos objetos e à reflexão acerca das condições da experiência são substituídos pela questão do fatum da linguagem e pela reflexão acerca de suas condições de interpretação. (GONZÁLEZ DE GOMEZ, 1993, p. 218)

A representação do conhecimento, baseada na linguagem, surge como uma nova forma de conhecer o real e, esse período, sofre influências da semiótica. Ainda sob a ótica de González de Gomez (1993, p. 218), é nesse contexto que consideramos que “a representação não consiste em uma dimensão necessária da relação gnosiológica do homem com o mundo, mas em um constructo sócio-cultural constituído nas relações de uns homens com outros homens.” Vale dizer que esses processos são socialmente compartilhados e a representação do conhecimento e a indexação como construção consideram o documento, o sujeito e seu contexto.

2.4 Influências da Ciência da Informação na indexação

A partir da abordagem positivista, a Ciência da Informação caracteriza a atividade do bibliotecário com métodos e técnicas que buscam uma leitura neutra e universal, sem interpretações, com o propósito de encontrar os descritores que representam o texto de maneira exata ao sentido do documento; valendo reiterar que este é representado acreditando ser de forma literal para posterior recuperação.

Lucas (2000, p. 52) menciona que “os cientistas da informação, especialistas no tratamento de textos, buscam no rigor do método e na eficácia das tecnologias materiais a obtenção de sua finalidade última: tornar o conhecimento acessível aos leitores.”

Teorias tradicionais de indexação são, de acordo com o modelo de transferência de informação, baseadas na crença de que o conteúdo de um documento (concebido com “*information brick*”) pode e deve ser fielmente descrito. Estas teorias implicitamente assumem que os documentos tem uma “substância” [por exemplo: significados ou mensagens objetivamente identificáveis que podem ser representados em uma estrutura clara de termos (substantivos)]. (TOUMINEN; TALJA; SAVOLAINEN, 2003, p. 563, tradução nossa)

Nessa visão, a análise documentária deve ser realizada com métodos rigorosos para que não haja interferências exteriores no assunto do texto. Kobashi confirma essa ideia dizendo que

[...] a Análise Documentária, por outro lado, preocupa-se com a identificação da estrutura informacional dos textos, ou seja, com o próprio texto, a fim de elaborar representações condensadas que permitam ao leitor identificar o seu conteúdo informacional. (KOBASHI, 1994, p. 61).

Observa-se que o foco da análise é no próprio texto, o qual não aborda a questão da interpretação do bibliotecário, ou seja, considera que o indexador anula a sua ideologia, história e cultura. Para confirmar a ideia de Kobashi sobre a preocupação somente com o texto, Lucas (2000, p. 78) apresenta um recorte que sustenta a ideia de análise neutra: “(a análise documentária) não se preocupa com as condições sócio históricas da produção discursiva, ao contrário, seus objetivos restringem-se à identificação da base temática do texto.”

Devido a essa abordagem na análise documentária, a leitura técnica - que faz parte desse processo - também é considerada como uma atividade sem abstração de conceitos, uma leitura profissional com o intuito de extração de conceitos sem interferência de uma interpretação. Fujita relata que:

A leitura em análise documentária, entendida como uma atividade de cunho profissional, caracteriza o indexador como leitor profissional que realiza a leitura documentária. Dessa forma, o objetivo principal da formação do indexador, do resumidor e do classificador seria firmá-lo ou capacitá-lo para uma leitura com objetivos profissionais. (FUJITA, 2004, on-line).

Cunha (1990, p. 59) relata que a Biblioteconomia designa um leitura única, em seu processo de leitura com fins de análise documentária, de forma subentendida ou expressa, não importando o sujeito do processo de leitura. E ainda

afirma que o mesmo ocorre na indicação de palavras-chave aos textos, pois essas também são consideradas como neutras e privadas de sentidos.

As linguagens documentárias também funcionam como forma de controle, mas este controle busca ser neutro e universal. Touminen, Talja e Savolainen relatam sobre as linguagens documentárias, confirmando sua natureza de controle e neutralidade.

Linguagens documentárias incorporam uma crença na existência de um corpo unificado do conhecimento. Elas expressam uma crença na possibilidade de captar a realidade isomórfica em 'informação' e pressupõem um terreno neutro que permitem avaliar o valor-verdade de teorias diferentes. (TOUMINEN; TALJA; SAVOLAINEN, 2003, p. 563, tradução nossa).

A elaboração dos instrumentos utilizados na representação do conhecimento, como a Classificação Decimal de Dewey (CDD) e a Classificação Decimal Universal (CDU), também foram criados no molde positivista. De acordo com Rafferty, a ideologia desses sistemas:

se relaciona com o racionalismo, o pragmatismo e senso comum, a sua visão de mundo é ocidentalizado, ideal e positivista, e a "ordem do Conhecimento" que dissemina, faz em grande escala, através da sua utilização global por todos os tipos de bibliotecas e bibliotecários, através de seu status como mera ferramenta de recuperação de uma prática de informação. (RAFFERTY, 2001, p. 185, tradução nossa).

Em acordo com Hjørland e Albrechtsen, relata a abordagem teórica da representação do seguinte modo:

Na teoria da classificação as alternativas para disciplinas como unidades básicas tem sido quase sempre o tipo de estruturas racionalista, sem referência ao mundo social dos produtores e usuários de conhecimento ou aos desenvolvimentos históricos na organização do conhecimento. (HJORLAND; ALBRECHTSEN, 1999, p. 133, tradução nossa)

Observa-se que essa abordagem está de acordo com a concepção simplista de Albrechtsen (1993). Como já foi descrito anteriormente, essa concepção não considera o sujeito como ativo e acredita que assuntos são entidades absolutas. A concepção orientada ao conteúdo possui a linguística como uma fonte identificadora dos assuntos, acreditando que não é somente ela a responsável pelo processo, mas o sujeito, indexador, que auxiliará na determinação do assunto. Essa concepção possui um pouco da concepção simplista e um pouco da orientada à necessidade, sendo uma interposição entre uma e outra.

Já a concepção orientada à necessidade, apresentado por Albrechtsen (1993), visa a transferência do conhecimento, dessa forma, o indexador define os assuntos, buscando ser um mediador para seus usuários.

Assim, o estudo da indexação, baseada na interação dos indivíduos, aborda o bibliotecário como um sujeito social que constrói a realidade. Pode-se inferir que a realidade é como um processo que sofre interferências humanas ao longo de seu caminho, constituindo um contexto social.

Essa é uma possibilidade de estudo da Ciência da Informação e algumas precursoras dessa tendência são autoras como: Cintra (1987), Cunha (1990) e Lucas (2000). Cintra (1987) em seu estudo afirma que descarta “a possibilidade de uma codificação ‘neutra’, tendo em vista qualquer objetivo de leitura, mesmo que seja uma análise documentária”. Ainda relata que, a linguagem, tanto no processo de produção, quanto no de recepção, é ligado à cultura e à ideologia. Cunha (1990) aborda a discussão sobre a existência de leitura e palavras-chave neutras. Em seu livro, Lucas (2000) aborda a questão da não neutralidade da leitura documentária, afirmando que existe a interpretação do conteúdo da obra. Observa-se que essas autoras abordam a não neutralidade do bibliotecário e este sendo influenciado pelo meio em que vive.

Assim, a informação é interpretada quando ocorre sua representação. A indexação busca a compreensão do sentido (significado) do documento para poder representá-lo, sendo que “o sentido é sempre sentido para, e não sentido em si” (LUCAS, 2000, p.56) e, ainda,

não há, de um lado, a coisa em-si, e, de outro lado, a coisa para nós, mas entrelaçamento do físico-material e da significação, a unidade de um ser e de seu sentido, fazendo com que aquilo que chamamos “coisa” seja sempre um campo significativo. (CHAUÍ, 1986, p.18).

Nesse caso, pode-se designar a “coisa” como a informação, logo, percebe-se que a informação não é algo exato. Oliveira (2005, p. 18) afirma que “a informação é um objeto complexo, flexível, mutável, de difícil apreensão, que sua importância e relevância estão ligadas ao seu uso.”

Segundo Lucas (2000, p. 57), a atividade de indexação não é neutra quanto à interpretação, não reflete exatamente o conteúdo de um documento. Dessa forma, o sentido que o bibliotecário atribui ao documento não é algo que já exista no texto, mas, sim, uma atribuição de valor. Lucas (2000, p. 79) ainda afirma que o

bibliotecário “ao identificar o tema principal de um texto atua com noções de valor – portanto afetado por seu contexto sócio-histórico e sua cultura.”

Barthes e Compagnon abordam o processo de leitura, no qual o sentido não é um dado formado, e sim uma produção.

A leitura é sempre um ato, o ato da produção do sentido: investe o texto, fá-lo dar sentido. O sentido é um valor, aquele de que a leitura investe o texto. Por outras palavras, é desta maneira o próprio texto que é um pretexto, um potencial de sentido para uma leitura. A leitura produz sentido, [...] dá sentido à existência: transforma e torna manifesto. (BARTHES; COMPAGNON, 1994 apud LUCAS, 2000, p. 40).

Cunha, em sua obra, também relata sobre o processo de leitura do bibliotecário:

[...] consideramos que enquanto leitor o bibliotecário/analista da documentação tem sempre uma visão ideológica, sobrepondo-se à linguagem-ideologia do texto/discurso a analisar. Junção que se manifesta pela opção ‘ideológica’ que faz em relação ao uso ou descarte de determinados conceitos/palavras-chaves, mesmo tendo em mente as regras de objetividade e neutralidade aconselhadas pelos manuais e pela ética profissional vigente. (CUNHA, 1990, p. 70).

Mesmo com toda técnica, nota-se que não existe uma neutralidade por parte do bibliotecário durante a análise documentária. Lucas em sua obra afirma que

O método de leitura do bibliotecário, como estamos procurando mostrar, não garante a equivalência de sentido entre texto-fonte e a sua representação (os termos selecionados como assunto para a teoria da indexação). As operações de análise e síntese para fins de análises documentárias estão sujeitas a muitos outros fatores para além daqueles que uma metodologia possa disciplinar, administrar, conter. (LUCAS, 2000, p. 63).

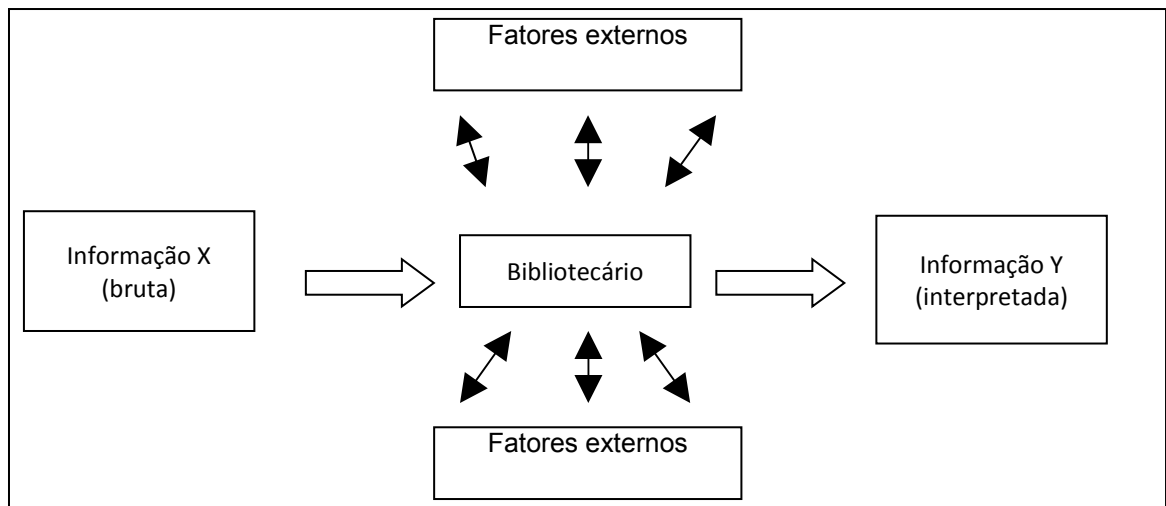
Pode-se dizer que o controle terminológico adotado pelo indexador nada mais é que a interpretação de uma instituição ou área. Ainda na perspectiva de Lucas (2000, p. 80), “o leitor-indexador, ao nomear os descritores, intervêm de forma determinada no discurso original, resultando em disciplinarização, institucionalização de perspectivas de leitura.”

As manifestações, que ocorrem durante o trabalho do bibliotecário como o conhecimento prévio, os fatores sociais e culturais não devem ser tratadas como problemas e, sim, trabalhadas para auxiliar o trabalho do bibliotecário.

O reconhecimento por parte do bibliotecário de que é constitutivo de sua leitura as suas histórias de leitura, as condições de produção, o interdiscurso que o afetam, pode contribuir para que ele reconheça e elabore os seus gestos de leitura. (LUCAS, 2000, p. 87).

Observa-se que toda informação que é traduzida na análise documental sofre interferências em sua formação original. Pois, essa informação é abstraída do documento por um ser interpretante (o bibliotecário) que é sociocultural, e é transformada em outra informação (FIGURA 1).

FIGURA 1 – Interpretação da informação



Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

A partir da Figura 1, observa-se que a informação é transformada pela representação do bibliotecário. Essa representação é influenciada pelo ser interpretante e pelos fatores externos que incidem sobre ele, sendo que a subjetividade deste sujeito é formada pelos fatores externos que se confrontam e formam a subjetividade única de cada um, visto que cada pessoa possui diferentes relações sociais. Neste íterim, Bakhtin nos diz que:

O centro organizador de toda enunciação, de toda expressão não é interior, mas exterior: está situado no meio social que envolve o indivíduo. [...] A enunciação enquanto tal é um puro produto da interação social, que se trate de um ato de fala determinado pela situação imediata ou pelo contexto mais amplo que constitui o conjunto das condições de vida de uma determinada comunidade linguística. (BAKHTIN, 1999, p. 121).

Para compreender melhor o ser interpretante, Geertz relata sobre a formação do ser, o qual é rodeado de significados que ele mesmo construiu, influenciado pelo social.

[...] o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. (GEERTZ, 1989, p. 15).

Em contraponto, Talja (1999, p. 471, *tradução nossa*) adverte que há falta de capacidade dos indivíduos em modificar os recursos de interpretação livremente, “porque eles são limitados pela episteme de uma fase específica, cultural e histórica. No entanto, os discursos, como os indivíduos, são variáveis, conflitantes, e em constante mudança e desenvolvimento.” A intenção do sujeito deve ser de oposição a essas conceitualizações predefinida pela cultura e pela história.

A análise dos significados não deve ser por meio de leis, que são exatas e universais, mas, sim, buscar como ocorreu a construção dos mesmos.

No que tange o pensamento de Bakhtin (2010, p. 319), “quando estudados o homem, procuramos e encontramos signos em toda parte e nos empenhamos em interpretar o seu significado”. Busca-se interpretar os significados dos signos e, estes, encontram-se em todo gesto humano. Por isso, a importância que se deve dar para o sujeito e seu social, todo e qualquer gesto, pode manifestar aspectos ainda não revelados.

Uma materialização da importância da construção de significados pelos indivíduos na indexação pode ser exemplificada pela indexação social, que possibilita que cada usuário represente a informação de acordo com sua concepção. Esse método surge a partir dos avanços tecnológicos, estes dão suporte para que se possa realizar a indexação de forma compartilhada. A indexação social também compreende a importância do significado dado pelo usuário, aqui não é o conteúdo o mais importante, mas, sim, a representação do usuário. Assim, a indexação enfatiza a importância do sujeito e a intersubjetividade neste processo.

[...] um novo modelo de indexação, que são os usuários ou consumidores de recursos que efetuam a sua descrição [...]. A descrição de cada recurso é obtido através da agregação, ou seja, o mesmo recurso seria indexado por muitos usuários, resultando em uma descrição intersubjetiva e, portanto, mais confiável do que a feita pelo autor do recurso, até mesmo por um profissional. (HASSAN-MONTERO, 2006, *tradução nossa*).

A indexação social possibilita mais uma forma para conhecer o usuário. Com esse olhar, a atividade de indexação passou a ter uma possibilidade diferente da tradicional. A atividade de indexação passou a ser orientada à necessidade, com um caráter social da informação. Dabney relata sobre a importância do processo de indexação ser focado nos usuários do sistema de informação.

Uma indexação de assuntos eficiente implica que se tome uma decisão não somente quanto ao que é tratado num documento, mas também por que ele se reveste de provável interesse para determinado grupo de usuários. Em

outras palavras, não há um conjunto ‘correto’ de termos de indexação para documento algum. (DABNEY, 1986 apud LANCASTER, 2004, p. 9).

Observa-se, assim, que não existe um único conceito para o documento, mas vai depender da instituição, do tipo de biblioteca, do usuário, variando de acordo com seu contexto. Cooper (1978 apud LANCASTER, 2004, p. 83) afirma que os termos definidos para o documento são justificados “se utilidade média associada a essa atribuição for positiva, e injustificada se for negativa.” Essa afirmativa possui relação com a recuperação, se os documentos têm sido recuperados pelos termos atribuídos significa que a indexação foi desempenhada de forma coerente.

Lancaster (2004) apresenta os fatores (QUADRO 3) que podem influenciar na qualidade da indexação ocasionando uma melhor recuperação.

QUADRO 3 – Fatores que podem afetar a qualidade da indexação

<p>FATORES LIGADOS AO INDEXADOR</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Conhecimentos do assunto</i> • <i>Experiência</i> • <i>Concentração</i> • <i>Capacidade de leitura e compreensão</i> 	<p>FATORES LIGADOS AO DOCUMENTO</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Conteúdo temático</i> • <i>Complexidade</i> • <i>Língua e linguagem</i> • <i>Extensão</i> • <i>Apresentação e sumarização</i>
<p>FATORES LIGADOS AO VOCABULARIO</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Especificidade/sintaxe</i> • <i>Ambiguidade ou imprecisão</i> • <i>Qualidade do Vocabulário de entrada</i> • <i>Qualidade da Estrutura</i> • <i>Disponibilidade de instrumentos auxiliares afins</i> 	<p>FATORES LIGADOS AO ‘PROCESSO’</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Tipo de indexação</i> • <i>Regras e instruções</i> • <i>Produtividade exigida</i> • <i>Exaustividade de indexação</i>
	<p>FATORES AMBIENTAIS</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Calefação/refrigeração</i> • <i>Iluminação</i> • <i>Ruído</i>

Fonte: Lancaster, 2004, p. 89.

Lancaster (2004) apresenta cinco tipos de fatores que influenciam na indexação. Os fatores ligados ao indexador possuem quatro subcategorias relacionadas ao profissional. Habilidades, prática profissional, e outros fatores específicos ao sujeito que irão trabalhar com o documento. A primeira sub-categoria é o conhecimento do assunto que auxilia o bibliotecário na representação; o profissional tem a possibilidade de fazer relações do conteúdo do documento com o conhecimento prévio que detém. Essas relações podem ser dos conhecimentos de áreas ou assuntos, de outros documentos já trabalhados, da comunidade atendida, de outras experiências. Tudo isso irá formar o conhecimento prévio do profissional, auxiliado na indexação da nova obra. Para Lancaster (2004), o indexador muito

especialista ou com pouco conhecimento do assunto pode prejudicar a atividade, interpretando a informação de forma excessiva, representando conceitos além do que o autor afirmou, ou ocultar informações, por não aceitá-las.

A experiência é uma subcategoria que auxilia em vários fatores o indexador no maior conhecimento do usuário e do assunto e na facilidade de executar a atividade. Esse fator é um componente do conhecimento prévio. Toda experiência seja na área de um conhecimento específico ou na execução da indexação auxilia o bibliotecário, pois as várias experiências positivas ou negativas fazem o profissional aperfeiçoar sua atividade. Em sua pesquisa, Naves (2000) constatou que o tempo de experiência de indexação influencia na análise do documento; afinal, quanto maior for o tempo que executa a atividade, maior segurança o profissional tem para realizá-la. Em contrapartida, se o indexador for experiente em somente uma área do conhecimento, isso também irá influenciá-lo. Quando for indexar documentos das áreas em que não trabalha, os fatores que irão influenciar na indexação serão os mesmos de um indexador novato.

A concentração é uma competência do bibliotecário de não se sentir incomodado por condições desfavoráveis, conseguindo ler e representar o assunto da obra atentamente. Por ser um trabalho intelectual, a indexação exige um exercício mental árduo do profissional. Para Lancaster (2004), a capacidade de concentração pode ser influenciada por condições ambientais desfavoráveis, como ruídos e falta de iluminação; tudo isso pode atuar negativamente na qualidade da indexação.

A capacidade de leitura e compreensão é uma subcategoria influenciada pela habilidade do profissional em executar a leitura técnica e o conhecimento sobre essa estratégia irá auxiliá-lo. Lancaster (2004) fala sobre a capacidade de uma leitura rápida e uma compreensão imediata; de todo modo, vale dizer que esses fatores são conquistados ao longo do tempo e podem ajudar o bibliotecário na atividade.

Para esta pesquisa, nos fatores ligados ao indexador adicionou-se o subtópico conhecimentos dos usuários. Devido à importância da relação do bibliotecário com seus usuários encontrada nas entrevistas e no referencial teórico, identificou-se a necessidade de criá-lo. Lancaster (2004, p. 90) relata sobre a importância do usuário, ressaltando que “o conhecimento dos interesses dos usuários da base de dados é especialmente importante porque a ‘boa’ indexação deve ser talhada às

necessidades de determinada comunidade, sempre que possível.” De todo modo, mesmo observando a importância do usuário, o autor em questão não considerou o conhecimento da comunidade como um fator que pudesse influenciar na indexação.

Quanto aos fatores ligados ao vocabulário, podemos dizer que contém cinco subcategorias ligadas ao instrumento e esses fatores possuem elementos da sua formação. O vocabulário controlado auxilia o bibliotecário com termos de entrada padronizados, com controle dos sinônimos, com relações que o termo possui com outros próximos. Na subcategoria especificidade/sintaxe, é preciso que no desenvolvimento do vocabulário sejam consideradas questões do grau de representatividade do termo e o tipo de relação entre os descritores. Pode-se definir sintaxe sendo “referente às regras utilizadas para a combinação dos descritores usados para a identificação do conteúdo de um documento.” (FUJITA, 2004, on-line). A especificidade é definida por Foskett (1973, p. 12) como a “extensão em que o sistema nos permite ser precisos ao especificarmos o assunto de um documento que estejamos precisando” e afirma que quanto mais formos específicos mais probabilidade teremos de alcançar a alta relevância. Na contramão, Lancaster (2004) afirma que quanto mais especificidade e recursos de sintaxe o vocabulário tiver, mais difícil e complicado será o trabalho de indexação.

A próxima subcategoria é a ambiguidade ou imprecisão, que está relacionada com exame minucioso dos descritores para não haver incerteza no seu significado, fazendo uso das relações entre os termos ou notas explicativas. Fujita (2004, on-line) explica que o controle da ambiguidade “estabelece uma uniformidade de representação dos termos selecionados pelo indexador para descrever o assunto dos documentos [...]”

A qualidade do vocabulário de entradas é influenciada pela fundamentação teórica do desenvolvimento do instrumento e o entendimento dos especialistas da área do vocabulário auxilia na qualidade dos termos de entrada. A qualidade da estrutura guiará o indexador ao termo mais adequado, assim, é necessário que os termos estejam especificados e tenham uma relação bem estabelecida. Essas duas últimas categorias relacionadas a qualidade são influenciada pelos outros fatores mencionados neste tópico, ou seja, para que haja qualidade é necessário que sejam observadas questões de especificidade, sintaxe e ambiguidade.

A subcategoria disponibilidade de instrumentos auxiliares afins é relativa às ferramentas que o indexador utiliza para auxiliá-lo no entendimento do assunto do documento. Neste íterim, Lancaster (2004) exemplificou com dicionários e glossários especializados. Neste estudo, os fatores ligados ao vocabulário tiveram seus nomes adaptados, por causa do intuito desta pesquisa, pois os termos utilizados eram de qualidade e, neste estudo, não buscou avaliar, mas, sim, identificar as ocorrências.

Os fatores ligados ao documento possuem cinco subcategorias. A primeira é sobre o conteúdo temático. Existem assuntos mais complexos que outros, um exemplo dado por Lancaster (2004) é que a teoria é mais difícil que assuntos relacionados à prática. Acredita-se que essa subcategoria possui relação com os fatores ligados ao indexador, pois irá depender do conhecimento prévio ou interesse do profissional sobre a área tratada no documento, para que se influencie ou não na facilidade ou dificuldade da compreensão do documento.

A subcategoria complexidade é apresentada, mas não é explicada por Lancaster, ficando difícil o entendimento e a descrição desse elemento; pode-se considerar o documento complexo por causa do conteúdo, do formato, da apresentação, da língua, existindo vários fatores que podem trazer complexidade, o que faria que o significado dessa subcategoria se tornasse incerto.

A língua e a linguagem é uma subcategoria influenciada por dois fatores: o primeiro é a língua em que o documento se apresenta, podendo facilitar ou dificultar dependendo da fluência que o profissional possui, o segundo é a linguagem utilizada pelo autor que influencia no grau de dificuldade de compreensão pelo indexador.

Outra subcategoria é a extensão, porém Lancaster (2004) somente a cita ele, não explanando suas ideias. Acredita-se que a mesma está relacionada à espessura ou à quantidade de volumes de uma obra e este seria um fator que poderia tornar a leitura mais cansativa e confusa.

A última subcategoria é a apresentação e sumarização, isto é, quanto mais clara for a apresentação – Lancaster (2004) dá o exemplo do título e a síntese representativa ao documento -, mais facilidade o indexador terá em sua análise, uma vez que esses são os pontos indicados na leitura técnica (LITTON, 1975b; ABNT, 1992). Assim, nesta pesquisa foi acrescentado, no subtópico apresentação e sumarização, o conceito estrutura. Esse elemento foi necessário devido à dificuldade

de alguns indexadores de realizar a atividade por causa da estrutura; identificou-se que esse conceito estaria relacionado ao subtópico apresentação e sumarização.

Os fatores ligados ao 'processo' contêm quatro subcategorias. Esses fatores estão ligados às normas da biblioteca; desta forma, as políticas, os manuais e a cultura da unidade de informação irão influenciar no processo de indexação. A subcategoria tipo de indexação possui duas formas: por extração e por atribuição. Albrechtsen (1993) apresenta esses tipos de indexação em seu estudo, como visto anteriormente em nossa análise. Para Lancaster (2004, p.91), a indexação por extração é mais simples não exigindo muita "concentração, esforço intelectual ou experiência" e, a indexação por atribuição, necessita de mais dedicação do profissional.

Regras e instruções são uma subcategoria, como falado anteriormente, que irão depender da cultura organizacional, além das regras tradicionais comuns em bibliotecas algumas que variam com a direção da instituição. De acordo com Lancaster (2004), os profissionais serão mais eficazes se as regras e as instruções forem bem estabelecidas, diferentemente do que ocorre quando possuem muita liberdade. Muitas vezes, tais ocorrências acontecem devido à insegurança que o bibliotecário pode ter em determinar certas ações; com regras e instruções concretas, o profissional é mais direcionado, tendo ações mais estáveis.

Outra subcategoria é a produtividade exigida: esse é um fator que pode prejudicar a qualidade da indexação, pois quando é exigido um grande volume de trabalho, o profissional sente-se pressionado e acaba fazendo o serviço sem muita concentração, buscando terminar no menor tempo possível. Cada documento possui um grau de facilidade menor ou maior para cada indexador, por isso, a quantidade produzida irá depender das obras trabalhadas naquele dia, rendendo mais ou menos.

A subcategoria exaustividade da indexação também é influenciada pela política da biblioteca, é nesse documento que estará definido a necessidade que a unidade de informação possui por uma indexação exaustiva ou seletiva. Assim, "a exaustividade, é o resultado de uma decisão administrativa, sendo ela a extensão com que analisamos um dado documento." (FOSKETT, 1973, p.13). Lancaster (2004) assevera que a indexação exaustiva demanda mais tempo para sua realização que a seletiva. O fator exaustividade, ainda, possui relação com a especificidade no processo de recuperação da informação. Foskett (1973, p.13)

afirma que “há pouca vantagem em aumentar a exaustividade, a menos que o sistema adotado possua especificidade adequada.”

Para este estudo nos fatores ligados ao ‘processo’, adicionou-se o subtópico avaliação do processo. Essa alteração se fez necessária para poder representar as falas identificadas que expressavam a importância da avaliação da indexação, mostrando ser um conceito que influencia na atividade.

Os fatores ambientais possuem três subcategorias: calefação/refrigeração, iluminação e ruído. Todos esses elementos influenciam na indexação: o ruído, por exemplo, pode atrapalhar a concentração do indexador; a falta de iluminação dificulta a leitura do documento. Não foram encontrados elementos do tópico fatores ambientais nas entrevistas, mas percebeu-se que esses fatores influenciam em outras categorias, como por exemplo, no subtópico de concentração.

Considerou-se o quadro do Lancaster (2004) uma fonte para análise das entrevistas e das observações. Ele foi utilizado com algumas modificações necessárias baseadas em outros autores do referencial, no roteiro de perguntas e na leitura das entrevistas e observações. Os subtópicos seguintes: fatores ligados à capacidade de leitura e compreensão, à ambigüidade ou à imprecisão, à complexidade e à extensão, foram retirados do quadro base desta pesquisa, pois não foram identificados nas entrevistas e nas observações.

Desta forma, o Quadro 4 utilizado para análise das entrevistas desta pesquisa ficou do seguinte modo:

QUADRO 4 – Fatores que influenciam a indexação

<p>FATORES LIGADOS AO INDEXADOR</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Conhecimentos do assunto</i> • <i>Experiência</i> • <i>Concentração</i> • <i>Conhecimento dos usuários</i> 	<p>FATORES LIGADOS AO DOCUMENTO</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Conteúdo temático</i> • <i>Língua e linguagem</i> • <i>Apresentação/ sumarização/ estrutura</i>
<p>FATORES LIGADOS AO VOCABULARIO</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Estrutura</i> • <i>Vocabulário de entrada</i> • <i>Especificidade/sintaxe</i> • <i>Disponibilidade de instrumentos</i> 	<p>FATORES LIGADOS AO ‘PROCESSO’</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Produtividade exigida</i> • <i>Exaustividade de indexação</i> • <i>Regras e instruções</i> • <i>Tipo de indexação</i> • <i>Avaliação do processo</i>

<i>auxiliares afins</i>	
-------------------------	--

Fonte: adaptado de Lancaster, 2004, p. 89

Os fatores apresentados acima influenciam na atividade de indexação de forma positiva ou negativa. Nos quadros apresentado por Lancaster (2004) e o adaptado para esta pesquisa, os fatores foram apresentados separadamente, mas sabe-se que eles são conectados uns aos outros, i.e., um possui relação com o outro.

3 METODOLOGIA

3.1 Fenomenologia

A partir da discussão apresentada anteriormente, observa-se que este estudo busca conhecer os fatores ligados à indexação, como a subjetividade manifesta-se e o contexto sócio-histórico. Acredita-se que para compreender essas questões a abordagem metodológica mais adequada é a fenomenologia.

A fenomenologia possui princípios em comum com o paradigma social da Ciência da informação. Tanto a fenomenologia quanto o paradigma social buscam refutar o positivismo, este método busca a verdade neutra e universal, a realidade única, através de métodos “rigorosos”, já a fenomenologia e o paradigma social acreditam que o real é inconstante, pois irá depender da perspectiva do sujeito. Sob esta perspectiva, Critelli nos diz que

[...] depois de Platão ter instituído o conceito (uno, eterno, incorruptível) como o lugar de manifestação da verdade de tudo o que é; depois de Aristóteles ter estabelecido que ao intelecto pertence esta função de conhecimento; e depois de Descartes ter modulado este intelecto como Cógito (cujo único procedimento aceitável é o do cálculo e do controle lógico-científico da realidade engessada na forma de objeto empírico), parece-me que o Ocidente moderno aceitou esta via como a única perspectiva adequada, viável e válida para a aproximação entre homem e mundo, para seu saber a respeito de tudo com que se depara, inclusive ele mesmo. (CRITELLI,1996, p. 12).

Contudo, a fenomenologia e o paradigma social da Ciência da Informação buscam investigar a realidade em uma comunidade, levando em consideração a interação desse grupo. O que significa que eles buscam conhecer como ocorre a construção do real, sendo que podem existir várias realidades.

A fenomenologia aceita as variações da realidade, ao contrário do positivismo que a nega, acreditando na realidade exata.

A relatividade não é vista pela fenomenologia como um problema a ser superado, mas como uma condição que os entes têm de se manifestarem: no horizonte do tempo e não do intelecto e em seu incessante movimento de mostrar-se e ocultar-se. A relatividade diz respeito à provisoriabilidade das condições em que tudo o que é vem a ser e permanece sendo. (CRITELLI,1996, p. 15).

Uma definição dada pela sociologia para o método fenomenológico “[...], é o estudo dos modos como as pessoas vivenciam diretamente o cotidiano e imbuem de significado as suas atividades” [OUTHWAITE; BOTTOMORE (Ed.), 1996, p. 307].

Na obra *The structures of the lifeworld*¹ de Schutz e Luckmann “foi plenamente reconhecido o fato de os adultos terem sido crianças que aprenderam a partir de uma cultura preexistente através da socialização.” (OUTHWAITE; BOTTOMORE, 1996, p. 309). Entretanto, “[...] a gênese é inevitavelmente tratada, [...] de modo formal, abstrato, como parte de uma estrutura universal de orientação subjetiva para as ciências sociais, com o mundo de gênese real, empírica, colocada entre colchetes.” (OUTHWAITE; BOTTOMORE, 1996, p. 309-310).

Berger e Luckmann (2005, p. 37) afirmam que “a análise fenomenológica da vida cotidiana, ou melhor, da experiência subjetiva da vida cotidiana, abstêm-se de qualquer hipótese causal ou genética, assim como de afirmações relativas ao status ontológicos dos fenômenos analisados.”

O método que julgamos mais conveniente para esclarecer os fundamentos do conhecimento na vida cotidiana é o da análise fenomenológica, método puramente descritivo, e como tal “empírico” mas não científico, segundo o modo como entendemos a natureza das ciências empíricas. (BERGER; LUCKMANN, 2005, p. 36).

Este estudo não pretende questionar a validade dos estudos das ciências moderna, mas deseja apresentar uma metodologia diferenciada, na qual não há uma única realidade.

3.2. Fundamentos do conhecimento na vida cotidiana

Berger e Luckmann (2005) discorrem sobre a relação entre a experiência humana e o real. Assim, apresentam questões sobre a realidade, as interações que ocorrem nela e a linguagem que permite a intersubjetividade.

3.2.1 A realidade da vida cotidiana

A realidade da vida cotidiana é um processo contínuo que apresenta várias realidades, o que muda é a percepção de como a realidade é. Isso ocorre porque a realidade é interpretada pelos membros da comunidade e, cada um, a

¹ Obra citada no documento, mas não referenciada pelo autor.

interpreta de uma maneira com suas ideologias, conhecimentos prévios, historicidades, entre outros fatores. “A vida cotidiana apresenta-se como uma realidade interpretada pelos homens e subjetivamente dotada de sentido para eles na medida em que forma um mundo coerente.” (BERGER; LUCKMANN, 2005, p. 35).

A realidade na vida cotidiana é objetivada na medida em que as coisas são aceitas como naturais. As coisas são designadas como coisas mesmo antes de um indivíduo estar na cena. Para algo ser real, é necessário que várias pessoas concordem, ou seja, a realidade é intersubjetiva.

Berger e Luckmann discorrem sobre a vida cotidiana com as interações, as objetivações e a intersubjetividade.

Não posso existir na vida cotidiana sem estar continuamente em interação e comunicação com os outros. Sei que minha atitude natural com relação a este mundo corresponde à atitude natural dos outros, que eles também compreendem as objetivações graças às quais este mundo é ordenado, que eles também organizam este mundo em torno do “aqui e agora” de seu estar nele e têm projetos de trabalho nele. Sei também, evidentemente, que os outros têm uma perspectiva deste mundo comum que não é idêntica à minha.[...].O que tem maior importância é que sei que há uma contínua correspondência entre meus significados e seus significados neste mundo que compartilhamos em comum, no que respeita à realidade dele. A atitude natural é a atitude da consciência do senso comum precisamente porque se refere a um mundo que é comum a muitos homens. (BERGER; LUCKMANN, 2005, p. 40).

Assim, as interações que ocorrem entre os sujeitos são influenciadas pelas objetivações já existentes, sendo necessária a intersubjetividade para haver uma compatibilidade de pensamento. Essas relações podem gerar uma cultura e podem ser transmitidas através da linguagem.

3.2.2 As interações

As interações na vida cotidiana ocorrem face a face. Para Berger e Luckmann (2005, p. 47) “a mais importante experiência dos outros ocorre na situação de estar face a face com o outro, que é o caso prototípico da interação social.” Essa troca de informações face a face é a forma que mais se aproxima da verdade do outro, pois é através da relação face a face que a subjetividade do outro é mais acessível.

Nessa interação face a face ocorrem tipificações, ou seja, agimos com o outro de acordo com a “categoria” que este indivíduo pertence. Essas tipificações

são decorrentes das classificações que fazemos do outro. Muitas dessas categorizações são influenciadas pelo nosso pré-conhecimento, ou seja, pela nossa herança informacional e por nossas antigas relações sociais. A maneira como as informações são trocadas durante as interações influenciam também em como ocorreram as tipificações e, estas, tornar-se-ão anônimas quando essas relações se distanciarem. Assim, estas tipificações influenciam a maneira de interação com o outro. “A realidade social da vida cotidiana é, portanto, apreendida em um contínuo de tipificações, que vão se tornando progressivamente anônimas à medida que se distanciam do ‘aqui agora’, da situação face a face.” (BERGER; LUCKMANN, 2003, p. 52).

De acordo com Berger e Luckmann (2003, p. 52) “a estrutura social é a soma dessas tipificações e dos padrões recorrentes de interação estabelecidos por meio delas. Assim sendo, a estrutura social é um elemento essencial da realidade da vida cotidiana.” Deste modo, percebe-se que as informações trocadas nessas relações e o pré-conhecimento são fatores importantes no processo de classificação natural do sujeito. Esse processo constitui as tipificações que, por sua vez, formam a estrutura social.

3.2.3 A linguagem

Durante a interação face a face, a forma de mediação são os sinais e os sistemas de sinais. A linguagem é um sistema de sinais vocais, é através dela que ocorre o acesso ao outro, sendo possível a interação entre os indivíduos, permitindo, assim, a intersubjetividade.

A linguagem possui uma característica muito importante entre os sistemas de sinais, que é a reciprocidade. Na interação face a face, as pessoas interagem ao mesmo tempo “[...] o que torna possível o contínuo, sincronizado e recíproco acesso as nossas duas subjetividades, uma aproximação intersubjetiva na situação face a face que nenhum outro sistema de sinais pode reproduzir.” (BERGER; LUCKMANN, 2005, p. 57).

Nas interações ocorrem trocas de experiências que vão se acumulando, constituindo “um acervo social de conhecimento que é transmitido de uma geração a outra e utilizável pelo indivíduo na vida cotidiana.” (BERGER; LUCKMANN, 2005, p. 62). Essas interações ocorrem através da linguagem que se torna um “repositório

objetivo” dos significados e das experiências dos indivíduos. A linguagem é uma materialização, pois ela expressa algo que pode ser transmitido e compartilhado por várias pessoas.

A linguagem é uma forma de representação da realidade, e também constitui esta. Em uma língua, a existência das palavras permite descrever as experiências de uma forma ou de outra. A ausência ou existência de um termo em uma língua diferencia as expressões dos sujeitos, definindo sua realidade. Nas listas de cabeçalho de assunto, encontra-se a existência de certos termos e ausência de outros, como ocorre na linguagem, isso mostra a percepção do bibliotecário da realidade para um ou outro lado.

3.3 A prática de estudos fenomenológicos

Para a realização de um estudo fenomenológico, diferentemente dos estudos convencionais, não se parte de um problema e, sim, de uma interrogação. De acordo com Boemer

quando o pesquisador interroga ele está focalizando o fenômeno e não o fato. A idéia de fato, como é concebida, tem seus fundamentos na lógica e no positivismo clássico que vê o fato como tudo aquilo que pode tornar-se objetivo e rigoroso como objeto da ciência. (BOEMER, 1994, on-line).

Boemer relata que quando se tem um problema, pressupomos que exista uma resposta, sendo que a fenomenologia busca a compreensão de sua interrogação. Para isso, é necessário que o fenômeno se apresente ao pesquisado “enquanto algo que **pede**, que exige um desvelamento, uma ‘iluminação.’” (BOEMER, 1994, on-line, grifo no original). Quando isso não ocorre, não existe uma inquietação por parte do pesquisador, “então o fenômeno não está se apresentando a ele enquanto **Fenômeno**.” (BOEMER, 1994, on-line, grifo no original).

Para a realização de estudos fenomenológicos Boemer relata a necessidade de o pesquisador ter paciência, disponibilidade e interesse.

Apesar de haver um foco de direção, esta abordagem requer flexibilidade de “modelo”, tempo para o fenômeno emergir, exploração e descoberta, diferentes percepções e múltiplas realidades, paciência com o inesperado, “insight” para perceber significados no contexto e disponibilidade para aceitar mais do que uma verdade. Outro ponto relevante é a “orientação humanística”. Os alunos precisam ter um genuíno interesse em “ir às pessoas”, um desejo de compreender outras perspectivas e uma consciência para ver a relação pesquisador/sujeito como bilateral. (BOEMER, 1994, on-line).

Quando o pesquisado formula sua interrogação, ele deve definir “[...] sobre a faceta que quer desvelar, já que o desvelamento total não é possível pela própria fundamentação filosófica do método - relação dialética desvelamento/ocultação. A cada desvelamento há um velamento nele contido” (BOEMER, 1994, on-line).

As experiências do pesquisador irão orientar o foco da investigação. Ainda para Boemer (1994, on-line), “o seu grau de imersão nos dados, seus valores, crenças e perspectivas podem orientar o foco da investigação para aspectos mais concretos ou concepções mais abstratas.”

Durante a coleta de dados não existe um método fixo. Para Boemer a coleta de dados:

[...] é lenta e o orientando não pode ter pressa ou ser pressionado. Não haverá um critério amostral que indique que a coleta encerrou-se, critério esse próprio da metodologia das ciências naturais. O critério em fenomenologia é o da repetitividade que expressa o mostrar-se do fenômeno em sua essência. (BOEMER, 1994, on-line).

Para analisar os dados, Boemer (1994, on-line, grifo no original) relata que devemos fazer um questionamento, que seria o seguinte: “**o que o pesquisador busca nas descrições?**”. Dessa forma, ele irá buscar “o invariante, o que permanece, aquilo que aponta para o que o fenômeno é.”

O pesquisador deverá ler os discursos, buscando mensagens explícitas e implícitas, verbais e não verbais. Não existe uma forma pronta de categorias, elas virão à medida que os dados coletados vão sendo examinados no contexto de estudo.

Durante todo o processo, é importante que o pesquisador mantenha a atenção nos dados para compreender o todo, de forma a não perder a variedade de sentidos expressos nos dados coletados. Boemer, nesta perspectiva, ressalta que:

[...] os significados que o pesquisador pode detectar nas descrições têm como referência a totalidade das experiências vividas pelo sujeito e essa totalidade vai além da consciência explicitada pelo sujeito. Dessa forma, haverá sempre uma região não expressa que permanece oculta. Por isso, a pesquisa sempre prossegue. (BOEMER, 1994, on-line).

Quando um estudo fenomenológico - que é um estudo qualitativo - é realizado, busca-se a essência do fenômeno e este é feito através das interações com uma comunidade. Para a análise, é necessário se colocar no lugar dos sujeitos pesquisados, buscando a realidade daquele lugar, daquele momento. Os estudos

fenomenológicos nunca estão concluídos, no sentido que sempre haverá outros “lados” a serem descobertos.

O estudo da indexação baseado no paradigma social e na metodologia fenomenológica, ou seja, na interação dos indivíduos, aborda o bibliotecário como um sujeito social que constrói a realidade e é moldado por ela, sendo uma ação de reciprocidade. Quando o bibliotecário representa o conteúdo de um documento, nada mais é que a representação de uma realidade cotidiana e essa realidade é um processo que sofre interferências humanas ao longo de seu caminho, constituindo um contexto social.

O bibliotecário está representando algo documentado de acordo com a atual realidade, ou seja, com o contexto social inserido, pois os conceitos mudam com o tempo e com a comunidade, assim, as representações também irão variar.

Para melhor explorar as várias manifestações exteriores ao texto, durante a atividade de indexação, adotou-se a fenomenologia, considerada como uma ciência interpretativa, pois essa metodologia não busca uma verdade única. Ela acredita que existem várias realidades da mesma forma que acredita que existem várias descrições de um mesmo documento.

4 INSTRUMENTOS METODOLÓGICOS

4.1 Definição da amostra

Para a definição da amostra, baseou-se nos métodos de uma pesquisa qualitativa. Dessa forma, Michelat afirma que:

numa pesquisa qualitativa, só um pequeno número de pessoas é interrogado. São escolhidas em função de critério que nada têm de probabilistas e não constituem de modo algum uma amostra representativa no sentido estatístico. E, sobretudo, importante escolher indivíduos ou mais diversos possíveis. E, na verdade, em função do que dissemos acima, é o indivíduo que é considerado como representativo pelo fato de ser ele quem detém uma imagem, particular é verdade, da cultura (ou das culturas) à qual pertence. (MICHELAT, 1981, p. 199).

Assim, foi escolhido pesquisar indexadores por tipos de bibliotecas. Presumiu-se que estudando diferentes tipos de bibliotecas identificaria uma variedade do fenômeno, pois se encontram em locais com culturas diferentes.

Araújo e Oliveira (2005) apresentam algumas particularidades nos tipos de bibliotecas; eles observaram que existem diferenças nas finalidades, nos públicos atendidos, na formação e no desenvolvimento do acervo, entre outras. Algumas peculiaridades de diferentes bibliotecas - como a informatização do acervo, os instrumentos de trabalho desenvolvidos, como exemplo o vocabulário controlado, a equipe de trabalho - , influenciam o trabalho desenvolvido pelo indexador.

O universo de estudo foi dos bibliotecários indexadores, esses indexadores serão de quatro tipos de biblioteca, são elas: biblioteca pública, biblioteca universitária, biblioteca escolar e biblioteca especializada.

As bibliotecas escolhidas estão localizadas na cidade de Juiz de Fora no Estado de Minas Gerais. Foram selecionadas duas bibliotecas dos quatro tipos de bibliotecas mencionadas acima, somente a biblioteca pública será uma, pois em Juiz de Fora existe somente uma biblioteca pública e, no caso, seria uma municipal. A amostra foi de sete bibliotecários de diferentes tipos de bibliotecas. Abaixo, encontra-se a relação das bibliotecas selecionadas.

1. Pública

Biblioteca Municipal Murilo Mendes

A Biblioteca Municipal Murilo Mendes possui uma Sede e uma Sucursal no bairro Benfica. A Biblioteca Municipal possui um acervo diversificado nas áreas

do conhecimento, com um total 46.997 livros, divididos entre a Sede com 41.642 e a Sucursal com 5.335, sendo que este acervo é basicamente formado a partir de doações. A biblioteca possui um acervo na linguagem Braille e fitas cassete para deficientes visuais. Possui um coordenador, um chefe administrativo, dois bibliotecários e seis auxiliares de biblioteca. (FUNDAÇÃO CULTURAL ALFREDO FERREIRA LAGE).

A bibliotecária entrevistada trabalha na organização desde 1985. Ela iniciou sua carreira na instituição como auxiliar, mas sempre trabalhou no setor de processamento. No ano de 2005, formou-se em biblioteconomia em Ubá. Para ela, o curso auxiliou na continuidade do serviço que já vinha sendo realizado na instituição.

Ajuda muito porque, te da uma visão mais ampla da coisa... Saber lidar com os livros, olhar os manuais, essas coisas assim, a gente fazia mecanicamente. (MUNICIPAL).

2. Universitárias

Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF

O sistema de biblioteca da Universidade Federal de Juiz de fora conhecido como CDC- Centro de Difusão do Conhecimento é composto por 13 bibliotecas, uma biblioteca universitária e 12 setoriais. A biblioteca universitária possui um acervo diversificado, composto por várias áreas do conhecimento e gerencia as outras bibliotecas setoriais. A biblioteca universitária, que será analisada, possui sete bibliotecários que se dividem em: um para a coordenação, um para a gerência de atendimento ao usuário, um para a gerência de unidades, um para o setor de periódicos e três para o processamento técnico, sendo um deles gerente desse setor. (UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA).

A bibliotecária entrevistada ingressou na UFJF em 2008, já passou pelos setores de processamento e atendimento ao usuário (referência) na biblioteca central e, atualmente, é responsável por duas bibliotecas setoriais da instituição, realizando, assim, todas as atividades de um bibliotecário. Suas experiências profissionais são variadas, trabalhou em biblioteca especializada, universitária e pública. Formou-se em 1999 na UFMG e para ela as disciplinas de tratamento foram as mais importantes.

Eu acho que as de tratamento, porque eu me dediquei muito também, porque eu acho também que é o foco maior da biblioteconomia, e também

porque é o principal da nossa área, o diferencial, foram fundamentais. (UFJF).

Universidade Salgado de Oliveira – UNIVERSO/ JF

A biblioteca da UNIVERSO de Juiz de Fora possui um acervo que contempla diversas áreas do conhecimento, sendo composta por materiais impressos, recursos multimídia e recursos online. Conta com um profissional de biblioteconomia e auxiliares. (UNIVERSIDADE SALGADO DE OLIVEIRA).

A bibliotecária trabalha na UNIVERSO/JF desde 2009. Por ser a única formada em biblioteconomia, exerce todas as atividades desse profissional, desde administração até atendimento ao público. Suas experiências anteriores foram de estágios em biblioteca universitária e arquivo. Formou-se no ano de 2008 na Unifor e para a profissional o que foi mais importante durante a graduação foi a prática em estágios, como se pode ver através do depoimento a seguir:

Os estágios, porque no ultimo ano de faculdade eu sai, do meu trabalho pra fazer estágio na biblioteca da faculdade da Unifor. Eu fiquei fazendo 1 ano estágio, de manha eu fazia na biblioteca e a tarde eu fazia estágio em arquivo. Eu acho que no currículo meu o que me ajudou mais foi isso. (UNIVERSO).

3. Especializadas

Museu de Arte Murilo Mendes

O Setor de Biblioteca e Informação do Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM) consta com um acervo bibliográfico com mais de 12.000 obras impressas, além de recortes de jornais, fitas cassete, VHS, CD, DVD, entre outros. O acervo origem da instituição visto como o mais importante é o do poeta juizforano Murilo Mendes. Atualmente, a equipe de trabalho do Setor de Biblioteca e informação é formada por um profissional bibliotecário, uma historiadora, um profissional licenciado em letras, quatro bolsistas (três graduandos do curso de letras e um graduando do curso de história)².

O bibliotecário ingressou no MAMM no ano de 2009 e trabalha com o processamento técnico da obras. Suas experiências profissionais são variadas, trabalhou 15 anos com contabilidade, foi seminarista e participou de um curso técnico em biblioteconomia, atuando em biblioteca universitária e em arquivo. Em 2005, graduou-se em biblioteconomia na FESP e, em entrevista, expôs que o curso não foi satisfatório para sua formação.

² Informação obtida via mensagem eletrônica.

O curso começou e foi indo.. e foi indo...deu os quatro anos eu saí com uma formação que eu considero precária no sentido de indexação, catalogação, que na época começou a chamar representação descritiva e representação temática. (MAMM).

Embrapa Gado de Leite

Setor de Informação da Embrapa Gado de Leite possui a Biblioteca Professor Homero Abílio Moreira que se encontra em Juiz de Fora. Esta biblioteca tem um acervo na área de bovinocultura leiteira. O acervo é composto por 13.000 documentos em diversos suportes. A Biblioteca Professor Homero Abílio Moreira possui um profissional em biblioteconomia. (EMBRAPA GADO DE LEITE).

A bibliotecária trabalha na Embrapa há 9 anos e além de exercer todas as atividades de uma profissional formada em biblioteconomia, também realiza tarefas que não são diretamente ligadas aos serviços da biblioteca; tudo isso a pedido de empresa. Sua experiência anterior foi também em uma biblioteca especializada, mas em outra área. Graduiu-se em biblioteconomia, em 1994, na UFMG e para ela as disciplinas mais importantes foram de tratamento, serviço de referência e disseminação da informação.

Mais importantes, foram a parte de classificação, a parte de catalogação que eu uso muito aqui, a parte de aprender a fazer as fichas catalográficas, eu faço 14 a 15 fichas catalográficas por ano, tem que tá muito afiada nisso, e... a parte que eu gostava... que eu achei que foi muito importante também foi a parte de serviço de referência e disseminação de informação. (EMBRAPA).

4. Escolares

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais - Campus Juiz de Fora - é contemplado com uma biblioteca que possui um acervo diversificado nas áreas do conhecimento, atendendo alunos do ensino médio e de graduação. A biblioteca possui dois bibliotecários para a realização dos serviços. (INSTITUTO FEDERAL DO SUDESTE DE MINAS GERAIS – CAMPUS JUIZ DE FORA).

A bibliotecária entrevistada ingressou na instituição em 2009 e exerce todas as atividades relacionadas ao seu cargo. Suas experiências anteriores foram em bibliotecas escolares e universitárias, mas essa última teve mais ocorrências. Formou-se em 1997 na PUC/Campinas e, para ela, as disciplinas de tratamento e as experiências nos estágios desde o início da graduação foram de grande valia.

Ajudou sim, porque na minha época já tinha muita catalogação, classificação, hoje parece que mudou, muito o currículo né? então há... Não tem que queixar não.. foi muito bom a grade curricular, e onde eu estudei, foi ótimo. Sabe o que me ajudou mais, porque no primeiro ano que eu entrei já comecei a fazer estágio, então nunca sai da área, trabalhei em muitos lugares, então isso me ajudou muito né? (IFET).

Colégio dos Jesuítas

A Biblioteca do Colégio dos Jesuítas possui um acervo composto por livros, jornais e revistas que atende desde a educação infantil até o ensino médio. A biblioteca conta com um profissional em biblioteconomia e auxiliares. (COLÉGIO DOS JESUÍTAS).

A bibliotecária trabalha no colégio há 3 anos e exerce todas as atividades, desde administração até o atendimento ao público. Atualmente, trabalha no colégio e em um arquivo. Suas experiências anteriores foram em bibliotecas especializadas, uma na área de religião e outra no Exército e, também, em arquivos. Formou-se, em 2004 na Unipac, em Ubá e, para ela, os professores direcionaram o curso muito para prática, o que a ajudou muito.

Olha, a minha graduação, vou te falar assim, que me ajudou muito porque a nossa coordenadora, ela foi muito para prática, agente não ficou muito na teoria, ela dava a teoria... a partir do segundo período ela começou muito assim praticar. Ela mostrava muito a realidade que é diferente na teoria, entendeu!? Então assim, eu não tive muita dificuldade, apesar de assim, com as experiências, que eu tive, eu fui amadurecendo mais até eu chegar onde eu tô agora, tá!? (JESUITAS).

O quadro 5 apresenta alguns dados dos bibliotecários entrevistados, divididos por tipos de biblioteca:

QUADRO 5 – Característica dos entrevistados

Tipo de biblioteca	Instituição	Sexo dos bibliotecários	Ano de graduação	Ingresso na instituição
Publica	Biblioteca Municipal Murilo Mendes	Feminino	2005	1985
Universitária	Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF	Feminino	1999	2008
	Universidade Salgado de Oliveira – UNIVERSO/ JF	Feminino	2008	2009
Especializada	Museu de Arte Murilo Mendes	Masculino	2005	2009
	Embrapa Gado de Leite	Feminino	1994	2003
Escolar	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia	Feminino	1997	2009
	Colégio dos Jesuítas	Feminino	2004	2009

Fonte:Elaborado pelo próprio autor.

4.2 Coleta de dados

A coleta de dados foi realizada através de dois procedimentos. O primeiro foi a entrevista centrada, contendo algumas perguntas para orientação do entrevistador. De acordo com Thiollent (1981, p.35), a entrevista centrada é aquela que “dentro de hipóteses e de certos temas, o entrevistador deixa o entrevistado descrever livremente sua experiência pessoal a respeito do assunto investigado.”

Assim, foi realizada a entrevista centrada (APÊNDICE A), por meio da qual a entrevistadora começou a fazer algumas perguntas sobre o perfil do bibliotecário, sobre a própria biblioteca, sobre os usuários e perguntas sobre como ocorre, geralmente, o processo de indexação, por ele realizado; os entrevistados foram respondendo com liberdade, ou seja, sem terem que responder somente à pergunta, quanto mais falavam sobre o tema mais conteúdo tinha-se para a análise. A entrevista foi gravada e posteriormente transcrita para análise.

A segunda parte da coleta de dados foi realizada através de uma observação espontânea (APÊNDICE B); o pesquisador observou o indexador realizando sua prática profissional durante um período, que variou entre vinte a trinta

minutos, dependendo do bibliotecário. Os indexadores selecionaram livros do seu ambiente de trabalho no momento da observação e realizaram a atividade de tratamento dos documentos. A observação foi realizada visando encontrar ações e falas não reveladas na entrevista. Durante a coleta de dados feita por meio da observação, os entrevistados verbalizaram muito suas ações. Desta forma, a observação também foi gravada e transcrita para análise. Assim, na análise dos dados não se fez distinção entre as falas das entrevistas e das observações.

Essas duas técnicas de pesquisa foram escolhidas no intuito de uma complementar a outra.

4.3 Organização e análise dos dados

A partir do referencial teórico que embasou este estudo e do método fenomenológico, foram analisadas as entrevistas e as anotações das observações. Nesta análise, buscou-se encontrar categorias que fossem representativas para o estudo. Dessa forma, utilizou-se como base teórica a discussão de Lancaster (2004) e algumas categorias que emergiram das leituras das entrevistas em conformidade com outros autores do referencial teórico. Foram apresentadas categorias que representam os diferentes fatores que atuam no processo de indexação. De acordo com Michelat

Todos os elementos do material devem ser analisados e devem encontrar o seu lugar no modelo que representa o conjunto (o que não exclui que eles possam se situar simultaneamente em muitos lugares ou em níveis do modelo – diversamente da análise de conteúdo clássica). (MICHELAT, 1981, p. 203)

Ao final, acredita-se que poderá compreender como acontece o processo de indexação na prática profissional.

5 ANÁLISE DOS DADOS

Para analisar as falas dos entrevistados foram utilizadas as categorias apresentadas por Lancaster (2004), as categorias identificadas a partir do roteiro de perguntas realizadas e as categorias que emergiram durante a leitura das entrevistas e das observações. A análise abaixo está apresentada em cinco tópicos: fatores ligados ao indexador, fatores ligados ao vocabulário, fatores ligados ao documento, fatores ligados ao processo e metáfora. Optou-se por colocar esse último ao final por entender que ele sintetiza os diversos elementos apresentados sobre a indexação em uma figura-símbolo.

Desta forma, as falas, na maioria, refletem mais os bibliotecários que as instituições que eles representam, pois algumas experiências apresentadas abaixo são anteriores ao atual emprego que se encontram, mas como alguns casos passados foram representativos, optou-se por adotar essas falas mesmo que elas não expressem o tipo de biblioteca que esses bibliotecários representam.

5.1 Fatores ligados ao indexador

Os fatores ligados ao indexador encontrados nessa pesquisa estão relacionados às seguintes subcategorias:

5.1.1 Conhecimento do assunto

Nesse subtópico, trabalha-se com o conhecimento que o bibliotecário possui sobre a área que trabalha ou o conteúdo do documento. Nas entrevistas foram encontradas falas que exprimem facilidade ou dificuldade na indexação por conhecer o assunto. As falas que manifestam facilidade são relacionadas ao conhecimento que os bibliotecários já possuem das áreas, seja por experiências anteriores ou por trabalharem em uma área específica tendo a oportunidade de aprofundar mais seu conhecimento sobre assunto. Assim, além do conhecimento prévio, o contexto sócio-histórico e a cultura do bibliotecário também irão ajudá-lo a identificar e compreender melhor o assunto do documento. (LUCAS, 2000).

Dessa forma, os indexadores apresentam facilidade na indexação quando possuem o conhecimento sobre a área que trabalham. No recorte a seguir, veremos a opinião da bibliotecária da UFJF sobre o conhecimento do assunto:

Ó eu acho mais fácil indexar nas áreas que eu conheço. (UFJF).

A bibliotecária do IFET considerou ser necessário conhecer bem a área para poder auxiliar na determinação do assunto. A afirmação apresentada abaixo se relaciona a uma experiência anterior, quando a entrevistada trabalhava em uma base específica de psicologia, mostrando ser necessário o aprofundamento no conhecimento de uma área, principalmente ser for uma biblioteca especializada.

porque psicologia é muito difícil, porque você tinha que estar por dentro mesmo da área sabe? Porque tem cada termo que você ficava assim... (IFET).

O conhecimento da área pode proceder de experiências anteriores. A fala do indexador do MAMM apresenta o conhecimento de áreas que teve contato antes de trabalhar na atual biblioteca e isso o auxilia na indexação. A afinidade do bibliotecário com a área de ciências humanas e sociais fez com que ele tivesse vários contatos antes de trabalhar na biblioteca do Museu, tendo mais facilidades de trabalhar com as obras do atual emprego. Isso mostra que afinidade (perfil) influencia no conhecimento do assunto.

porque antes de ser bibliotecário eu trabalhei 15 anos em contabilidade, eu me formei em biblioteconomia em 2005, eu trabalhava na área de contabilidade, administração essas coisas, né...então paralelamente eu passei por seminário, eu fui seminarista, então essas obras que tem aqui nesse acervo eu conheço porque no seminário tinha, porque Murilo Mendes era muito católico ele lia todos os caras bons da literatura francesa católica. (MAMM).

Os profissionais quando trabalham em uma área específica acabam facilitando a indexação devido à proximidade e ao maior tempo dedicado a um único assunto. A bibliotecária da Embrapa, uma biblioteca especializada, comprova essa afirmação acima, alegando que já memorizou grande parte dos termos indexados.

Os livros que chegam aqui, que falam sobre melhoramento genético, sobre raças bovinas, doenças, para mim são muito fáceis também de indexar, porque como eu já lido com eles diariamente, eu já tenho, qualidade do leite, eu já tenho essas palavras todas, então eu tenho muita facilidade de fazer a indexação deles. (EMBRAPA).

Quando o bibliotecário acompanha o desenvolvimento dos livros, produz a ficha catalográfica do mesmo, o que o auxilia posteriormente na indexação do documento quando este chega à biblioteca. Este processo se assemelha a

aproximação que o bibliotecário possui com a área quando trabalha em uma biblioteca especializada, a diferença neste caso é a familiaridade em um único documento.

Os livros que eu acho mais fáceis de fazer indexação são aqueles que são publicados aqui pela própria Embrapa, porque eu acompanho eles desde o nascimento, então eu fico por dentro de cada capítulo, na hora de fazer a ficha catalográfica eu tenho que estar atrás dessas palavras chaves, então geralmente quando esse livro chega na minha mão, eu já tenho mais ou menos prontos os assuntos dele. (EMBRAPA).

A leitura completa do livro, para melhor conhecimento do assunto do documento nem sempre é possível. Para isso, existem normas internacionais, apresentadas por Albrechtsen (1993), e a norma 12.676 da ABNT (1992) que expõem uma metodologia para realizar a atividade de indexação, mas a bibliotecária do Jesuítas admite que quando é possível a leitura integral documento ela realiza, tornando mais fácil a indexação do mesmo. A leitura da obra torna-se importante também para que a bibliotecária possa conhecer melhor o que está oferecendo aos seus usuários, pois essa profissional trabalha em uma biblioteca escolar.

quando eu faço uma compra, não da pra eu ler todos, o do sexto ano, infanto- juvenil, dos adolescentes não da pra eu ler todos porque são livros mais grossos, mas assim, o que eles pedem com mais frequência, o que ficam me indicando com mais frequência eu leio então isso me facilita na indexação, entendeu!? (JESUITAS).

Nas falas referentes às dificuldades das indexações, observou-se que essas obras são mais folheadas em busca de clarear o assunto do documento. Outra tática utilizada foi o auxílio de pessoas que conhecem ou gostam mais do assunto tratado; podemos relacionar a busca de ajuda ao subtópico de “disponibilidade de instrumentos auxiliares afins”, pois estes instrumentos são utilizados para auxiliar na compreensão do assunto durante a indexação.

A bibliotecária do Jesuítas fala sobre obras complicadas por serem mais complexas, com vocabulário mais requintado. Esta consideração realizada pela bibliotecária pode variar de sujeito para sujeito, sendo um fator pessoal. Nota-se como ela fala com julgamento de valor, pois obras prazerosas são as fáceis de indexar e obras enredadas são as mais difíceis.

O que eu tenho mais dificuldade as vezes são livros de literatura mais voltado pro vestibular, pois, esses livros são mais complexos um pouco, a literatura mais né!? eu brinco e falo a literatura mais fresca né!? cheia de frescura né! então essa você tem que ter um vocabulário mais apurado, maior, são livros mais intensos assim no conteúdo, mais os outros, aqueles mais “relax” que a pessoa assim ler por prazer, a literatura prazerosa, esses são fáceis de indexar. (JESUITAS).

Segundo a bibliotecária da UFJF, as obras que são mais difíceis de indexar por falta de conhecimento do assunto são mais esquadrinhas e folheadas em busca de determinar o assunto do documento.

[...] se está mais difícil, se é um assunto que eu desconheço mais e que não estou conseguindo então, aí eu tenho que dá uma lidinha no resumo, na parte de trás, dou uma olhada no meio do livro, dou uma lidinha em alguma coisa, aí esses são os livros muito mais difíceis. (UFJF).

Nesta fala, novamente, aparece o fator afinidade, como apresentado acima com o bibliotecário do MAMM, só que a afirmativa anterior foi uma afinidade positiva do profissional. A fala abaixo apresenta uma não afinidade por parte da bibliotecária da Biblioteca Municipal. Vale dizer que ela utiliza uma alternativa para auxiliá-la, um profissional próximo que possui conhecimento (afinidade) sobre o assunto.

Eu sempre procuro uma pessoa que eu sei, que é mais... que eu sou leiga, que entende mais, por exemplo, eu tinha um bibliotecário que trabalhava aqui, [...] gostava muito de química, então todos os livros de química, eu passava pra ele, e informática também, sabe? Aqueles termos, eu não sabia o que era programa, o que era.. é.. é... qual o outro termo?... Banco de dados, essas coisa, ai eu pegava e passava pra ele... fazia isso ai rapidinho, eu ficava 1 dia... 2 dias.. quebrando a cabeça. (MUNICIPAL).

5.1.2 Experiência

A partir desse subtópico, realizam-se observações sobre a experiência do bibliotecário, ou seja, o conhecimento adquirido na prática da profissão, seja como bibliotecário ou como estagiário de biblioteconomia.

Encontramos ao longo das entrevistas uma grande valorização da prática em relação à teoria. Isso só acaba por confirmar o que Kobashi (1994) relata sobre a análise documentária, dizendo que o êxito da indexação é considerado pela experiência do profissional. Mesmo durante o curso a importância da prática se destacou mais que a teoria.

Olha, a minha graduação, vou te falar assim, que me ajudou muito porque a nossa coordenadora, ela... a gente foi muito para prática, agente não ficou muito na teoria, ela dava a teoria mais agente assim... a partir do segundo período ela começou muito assim praticar... ela mostrava muito a realidade que é diferente na teoria, entendeu!? Então assim, eu não tive muita dificuldade, apesar de assim, com as experiências, que eu tive, eu fui amadurecendo mais até eu chegar onde eu tô agora, tá!? [...] (JESUITAS).

Nas falas dos bibliotecários foram encontradas afirmações de benefícios da prática seja estágio ou experiência profissional. Naves (2000) identificou que o tempo de experiência na atividade de indexação influencia na sua realização, sendo assim, a vasta experiência na atividade traz maior segurança ao profissional para realizá-la. Em conformidade, a fala da bibliotecária do IFET mostra a importância da prática da atividade de indexação:

A gente só ficava por conta de reunir todos os periódicos da área de psicologia e indexar, e aí a gente colocava na base de dados, tinha os digitadores, né... aí a gente não digitava não, a gente só fazia a indexação [...]. Foi um projeto interessante, que eu aprendi muito, foi muito bom pra minha carreira. (IFET).

O auxílio da experiência durante as entrevistas foi mais relacionado à prática profissional no todo e menos falado em relação à atividade de indexação. As falas abaixo mostram afirmações relatando a importância dos estágios durante o curso de graduação. Observa-se que a bibliotecária da Universo valoriza o estágio pela representação que ele traz no currículo, a da UFJF relata o mérito do estágio pelo aprimoramento que a experiência traz e, a terceira fala da bibliotecária do IFET, apresenta o benefício da prática contínua. Todos os depoimentos apresentam a valorização do estágio (prática), mas possuem significações diferentes.

Eu fiquei fazendo um ano de estágio, de manhã eu fazia na biblioteca e a tarde eu fazia estágio em arquivo. Eu acho que no currículo meu o que me ajudou mais foi isso. (UNIVERSO)

eu fiz vários estágios que eu acho que vale a pena falar porque eu acho que é muito rico, estágio contribui muito quando a gente começa a trabalhar, se a gente não faz estágio eu acho que a gente passa muito mais perto porque a prática é muito importante, assim, coisa simples, você vai fazer um catálogo e eu já vi um catálogo funcionando, eu vi o que dá certo e o que não dá, é... formulários, eu tenho modelo de formulário, coisas assim né!? (UFJF).

Sabe o que me ajudou mais, porque no primeiro ano que eu entrei já comecei a fazer estágio, então nunca sai da área, trabalhei em muitos lugares, então isso me ajudou muito né? (IFET).

5.1.3 Concentração

A partir desse subtópico, trabalha-se com a capacidade de concentração do indexador. Nesta categoria, vários fatores podem influenciar na concentração, como por exemplo, os fatores ambientais apresentados por Lancaster (2004). Nesta pesquisa, os fatores ambientais não foram trabalhados separadamente como foi apresentado por Lancaster (2004), pois se acredita que os fatores

calefação/refrigeração, iluminação e ruído influenciam na concentração do profissional.

O testemunho da bibliotecária do IFET mostra como o local, por exemplo, o balcão, lugar onde se encontra muito movimento e barulho, atrapalha a realização da atividade documentária. Muitas vezes, ela deixa para realizar atividades mais simples quando tem que permanecer nessas circunstâncias, pois indexação exige um esforço intelectual.

Nossa é muito complicado, para eu fazer a catalogação mesmo, quando eu venho cedo eu faço só até as 11h. Que é o horário que a Sônia tá aqui, ai depois que a Sônia vai embora, ai acabou, eu fico lá no balcão, ai, eu não gosto de fazer a catalogação lá porque tira a concentração, ai eu deixo pra fazer quando eu to lá alguma etiqueta, alguma outra coisa mais fácil ai paro a catalogação, acabo parando. (IFET)

5.1.4 Conhecimento dos usuários

Esse subtópico apresenta reflexões sobre o conhecimento que o bibliotecário possui dos seus usuários. Albrechtsen (1993) apresenta três perspectivas de indexação, sendo que a terceira delas é orientada para a necessidade. Ela apresenta a importância do bibliotecário se relacionar com seus usuários, sendo possível assim uma indexação voltada para as necessidades. Em consonância com esta abordagem, Dabney (1986 apud LANCASTER, 2004) afirma que uma indexação é eficiente quando, além de representar o conteúdo do documento, os termos são significativos para a comunidade atendida.

Os profissionais entrevistados descreveram e destacaram a importância da relação com a comunidade que atende, principalmente, para a atividade de indexação. Os depoimentos a seguir apresentam informações que as bibliotecárias utilizaram para indexar, que vieram do contato que elas possuem com seus usuários.

Identifica-se que para a entrevistada do Jesuítas contato com a comunidade propicia informações de que obras são necessárias, como classificar e como indexar. Assim, os documentos são analisados observando o conteúdo que será mais buscado por aqueles usuários.

Como eu tenho esse contato com o usuário no balcão eu sei aonde vai procurar, aonde vai indexar, olha esse livro é mais voltado pra esse conteúdo, então é aonde ele vai ter mais procura, então assim, eu acho que até por esse cuidado e esse hábito que a gente adquiriu, ele me facilita na indexação. (JESUITAS).

Aqui eu faço de tudo, eu atendo balcão, eu tô sempre presente lá na,na... no atendimento junto com as auxiliares, é... eu... eu gosto de atender o usuário até pra eu saber o que eles querem, o tipo de livro que eu vou comprar, pra escolher, até como indexar né!? Como eu vou classificar, aonde vai ficar o livro na estante, então eu acho importante este atendimento ao público lá no balcão, é... basicamente eu fico lá, faço todas as funções junto com as meninas, né!? (JESUITAS).

Para a bibliotecária do IFET, o contato com usuário auxiliou na indexação, mas já foi pensado na recuperação. Ela conseguiu captar os termos mais buscados em sua biblioteca, assim, quando indexa, identifica os conceitos mais procurados na sua unidade de informação.

[...] eu colocaria nesse livro aqui diodo, porque diodo olha o tanto que usa, e procuram muito isso... Por isso que é bom você trabalha com o serviço de referencia e você fazer o processamento técnico, você tem muito mais facilidade em indexar e fazer a catalogação. (IFET).

Além dos usuários reais, alunos e professores, a bibliotecária do Jesuítas preocupa-se também com os interesses da instituição. Porque a cultura organizacional também influencia na indexação. A indexação não foi pensada somente na recuperação, mas também, aos interesses do colégio; neste caso é uma instituição tradicional e particular com uma biblioteca escolar, apresentado assim maior preocupação com os livros disponibilizados.

[...] a gente analisa o livro voltado para usuário: ' ah esse livro é de aventura, mistério'. Então como o aluno vai procurar esse livro se eu colocar aqui mistério, é um aventura, um drama, uma palavrinha que seja... aqui quando ele vai procurar o livro é dessa forma, então assim, demora, não é uma coisa assim rápida, de qualquer maneira, e tudo tá ligado, é o acesso que eu tenho ao usuário, aos professores, ao gosto do colégio, dos alunos em particular, então isso me facilita a indexação [...] (JESUITAS)

Uma bibliotecária da Municipal relata o prestígio que os usuários têm perante o indexador, de forma que sua atividade seja direcionada à comunidade. Ela argumenta que a indexação não deve ser realizada de acordo com os interesses do indexador - a profissional trabalha em na biblioteca municipal - essa relação do tipo de biblioteca e o vasto público que é atendido reflete a posição da bibliotecária em relação ao seu usuário.

Não adianta eu ter conhecimentos né?, técnicos essas coisas assim se eu to fazendo uma coisa só pra mim. O interesse do indexador numa pública é facilitar, que essa informação, o conteúdo do livro chegue até a pessoa que tem interesse. Se o meu público, é de ensino fundamental, ou dona de casa, ou um analfabeto, ou um universitário ou um professor, entendeu? Eu tenho que trabalhar com isso, o que vem mais, o que procura mais, a necessidade da pessoa. Então o indexador vai ter justamente, o contato com o público para conseguir fazer uma boa indexação, porque não adianta ele fazer pra si. Tá... eu acho que o mais importante é isso. (MUNICIPAL).

5.2 Fatores ligados ao vocabulário

Os fatores ligados ao vocabulário refletem elementos ligados a esse instrumento de trabalho. Neste estudo, das sete instituições, somente três possuem vocabulário controlado, sendo que uma utiliza tesauro e vocabulário livre e, as outras, formam seu vocabulário controlado através de vocabulários de outras instituições. Vale dizer que as outras bibliotecas utilizam um vocabulário livre.

Os fatores ligados ao vocabulário nessa pesquisa estão relacionados às seguintes subcategorias:

5.2.1 Estrutura

Nesse subtópico, trabalha-se com a constituição e a organização do instrumento utilizado na indexação, i.e., o vocabulário controlado. A fala da bibliotecária da UFJF acaba por expressar a praticidade do vocabulário controlado que possui a classificação relacionada ao cabeçalho de assunto.

Então a gente usa os vocabulários e monta nosso classauro aqui, que é o... vocabulário controlado com a classificação que é muito bom porque você acha o assunto e já tá a classificação, você poupa tempo. (UFJF).

Esse mesmo instrumento abordado no testemunho acima apresenta também alguns fatores que dificultam o processo; ele fixa a classificação em um determinado cabeçalho não oferecendo a flexibilidade caso haja a necessidade de mudar, por exemplo, uma biblioteca de uma área para outra.

[...] no cabeçalho às vezes ele... numa área ele vai ter uma classificação, em outra ele vai ter outra, é um ponto de vista e nesse classauro só tem, no geral, uma classificação pra cada. Então esse nosso vocabulário controlado ele tem algumas questões muito complicadoras do trabalho, primeiramente porque ele existe só lá na biblioteca central, ele não tá disponível para bibliotecas de unidade, então a gente mexe nele muito a distância, a gente não tem como consultar, a gente consulta via email, através dos colegas, então esse é um problema, o outro é dele ser... esse classauro, é um pouco engessado. (UFJF).

5.2.2 Vocabulários de entrada

No subtópico vocabulários de entrada, realizam-se observações sobre a ideia da tradução do assunto principal para uma linguagem de indexação. Essa atividade corresponde à terceira etapa da norma 12.676 da ABNT (1992). A fala da

entrevistada da biblioteca da Embrapa apresenta a mudança que ela considerou mais adequada de um cabeçalho de entrada ocasionando uma melhor recuperação. O interesse da bibliotecária pela área e por trabalhar em uma biblioteca especializada, tendo oportunidade de aprofundar mais no assunto, influencia na atualização do profissional. Foi exatamente isso que a auxiliou na tomada de decisão por um vocabulário de entrada mais representativo para o atual período. Esse depoimento manifesta também a preocupação que a bibliotecária possui com o usuário em suas buscas:

Por exemplo, quando eu comecei a adotar a expressão instrução normativa para os documentos de qualidade do leite, isso deu muito certo porque a qualidade do leite está passando por um processo no Brasil de pagamento pela qualidade, e isso foi estabelecido através de uma instrução normativa, então eu comecei a vincular esse termo, IN ela tem um número que eu não me lembro agora, eu comecei a vincular esse número na hora de indexar e isso ajuda muito, porque as pessoas querem saber de qualidade do leite, e as pessoas querem saber sobre as novas regras da qualidade do leite, que é a instrução normativa. Isso ajuda bastante. (EMBRAPA).

5.2.3 Especificidade/sintaxe

Esse subtópico apresenta reflexões sobre especificidade do vocabulário controlado. Dependendo do tipo de biblioteca, esse subtópico irá sobressaltar mais, como é o caso que ocorreu nesta pesquisa, os bibliotecários que questionaram mais sobre especificidade foram de bibliotecas que trabalhavam com uma área ou áreas específicas relacionadas. A fala da bibliotecária da UFJF mostra a diferença de o vocabulário ser mais geral ou específico dependendo do tipo de biblioteca. Para uma entrevistada, a especificidade torna-se importante quando a biblioteca é especializada, porque o termo muito geral não é significativo para aquela comunidade, ocorrendo muita revocação na recuperação. Pela experiência de ter trabalhado em uma biblioteca geral e outra especializada na mesma instituição, ou seja, com o mesmo vocabulário controlado em tipos de bibliotecas diferentes, ela percebeu a necessidade de especificar mais o vocabulário para que estes sejam mais expressivos para sua comunidade.

ele não tem uma especificidade muito grande dos assuntos, e quando a gente tá classificando lá na central, que eu já classifiquei, já cataloguei, já indexei, lá a gente não tem uma visão específica da área, não tá vendo a coleção daquela biblioteca, então a gente acaba classificando muito geral mesmo, que é uma visão geral... né!? [...] Quando a gente vai pra uma biblioteca mais específica, é que a gente vê vários livros com abordagem diferente, com a especificidade diferente, tudo engenharia elétrica, tudo em

microeletrônica básica, e aí a gente vê que não tá muito legal né!? No caso da indexação esses assuntos gerais não mostram o que realmente tem naquele livro, e como eu já falei, no acervo fechado isso dificulta bastante a localização do que a pessoa tá precisando né!? Aquela informação, e aumenta muito a revocação. (UFJF).

A falta de especificidade de vocabulário em unidades especializada gera dificuldade na tomada de decisão de qual termo será selecionado. A busca por termo mais aproximados é uma atividade desgastante, pois o bibliotecário gasta muito tempo procurando um termo que seja representativo do conteúdo da obra, mas encontra palavras mais gerais, ficando impossibilitado de expressar o que realmente a obra é. A seguir, temos um recorte que exemplifica bem o que estamos a dizer:

[...] você tem que ter uma decisão se eu vou por no mais geral, se eu vou procurar num aproximado, se esse aproximado vai atender, até que ponto que eu vou conseguir especificar esse assunto, então são assuntos muito específicos então por exemplo: um elemento químico não é possível indexar, aí eu tenho, então, essa decisão de qual termo eu vou indexar ela é... ela é mais desgastante, mais demorada. (UFJF).

Em consonância com a fala anterior, o bibliotecário do MAMM expressa que a falta de especificidade pode acarretar em uma descrição em que o termo selecionado não irá expressar o conteúdo temático do documento, ocorrendo uma perda da qualidade de indexação. Ele apresenta outro fator que é a determinação do vocabulário pela instituição; dependendo da cultura, este elemento pode influenciar de maneira positiva ou negativa. Por isso, faz-se necessário processar um estudo mais aprofundo para o desenvolvimento desse instrumento, observando os vários fatores como revocação, precisão, cobertura, esforço do usuário. Vale salientar que esses fatores devem prevalecer segundo o interesse de cada instituição.

Então como a gerente vai determinar que toda a classe 800 eu vou ter que colocar só essa pobreza de poesia Brasil, França, literatura... não precisa de bibliotecário! Não precisa de curso. (MAMM).

5.2.4 Disponibilidade de instrumentos auxiliares afins

No subtópico de instrumentos auxiliares, realizam-se observações sobre o engenho dos profissionais utilizarem materiais para os auxiliarem na indexação. Identificou-se que grande parte dos entrevistados utiliza catálogos de outras bibliotecas para auxiliar e comparar sua indexação. A fala da entrevistada da biblioteca da Universo mostra o grau de confiabilidade que biblioteca nacional

possui, assim, ela consulta os termos nesse catálogo e compara com as outras bibliotecas da sua instituição para padronizar as entradas.

Eu pego o livro, e entro em outras bases de dados, se eu achar por exemplo esse livro na biblioteca nacional, eu olho as palavras que colocaram, tem outras Universos, eu consulto nas outras Universos para ficar uma coisa padronizada, a gente ta tentando fazer isso. (UNIVERSO)

Além de utilizarem outras bibliotecas, sites de editoras ou de livrarias também são muito consultados. A bibliotecária do Jesuítas afirmou que visualiza muito os sites das editoras devido à disponibilização dos resumos das obras, já que estes facilitam o trabalho de indexação

[...] Dou uma olhada na Saraiva, a gente usa muito né!? Por que a Saraiva já tem o resumo do livro no site dela, e algumas outras né! (JESUITAS).

Neste subtópico, a verificação dos termos utilizados nos instrumentos auxiliares foi abordada. Devida à utilização de outros pontos de vistas em catálogos de bibliotecas, editoras e livrarias, é necessário avaliar se os termos são adequados para sua comunidade. O testemunho da bibliotecária do Jesuítas a seguir apresenta a importância da verificação dos termos para sua biblioteca.

[...] mais no site, a gente procura na internet entendeu!? basicamente na editora, a editora já dá isso aí a gente vai lá pega e cola no PHL, aí corrige os erros porque muitas vezes vem com erro de gramática, de ortografia, lá no site então a agente da uma lida e vê também se é viável também né! (JEUITAS).

A utilização de catálogos de bibliotecas estrangeiras também ocorre no auxílio da indexação. Para que isso ocorra é necessária a utilização de outros instrumentos auxiliares como dicionário e o padrão MARC. Como ser compreendido, o MARC auxilia na localização das informações necessárias a outras línguas.

[...] eu vou pesquisando nas bibliotecas estrangeiras, Portugal, a da Library of congress, [...] e eu pesquiso os assuntos e a indexação todinha lá... Então sempre uma letra eu já conheço, então dali eu pego o dicionário de inglês, eu tenho um dicionário de inglês. [...] eu tenho coisa aqui que é alemão, outro que é inglês, outro que é francês, [...] eu procuro a classificação e o 650 que é o assunto, vou copiando aqui, depois pego o dicionário e vou tentando, vai me nortando, né? que é uma coisa muito interessante, você não saber a língua e conseguir decifrar. (MUNICIPAL).

Quando a dificuldade é no entendimento do assunto da obra, enciclopédias e ferramentas de busca na internet foram utilizadas para auxiliar na compreensão dos temas tratados nos documentos. Outra forma, não muito utilizada, mas importante, é a ajuda de professores ou alunos no auxílio das significações dos conceitos não conhecidos pelo profissional.

A Wikipédia tem me ajudado muito, eu vou no Google, pesquiso os conceitos, é a primeira coisa que eu faço né!? é... porque às vezes no livro você não acha essa explicação básica né!? Então eu vou no Google, não tenho ainda um entrosamento muito grande com os professores mas... quando, um ou outro que dá para perguntar, eu pergunto, às vezes para aluno, eu dou uma sondada do que é aquilo, para vê se eu consigo identificar o assunto. (UFJF).

Como pode ser visto, existe uma variedade de instrumentos utilizados como catálogos de bibliotecas nacionais e estrangeiras, livrarias, editoras, dicionários, enciclopédias, ferramentas de buscas na internet, por professores por e alunos.

Então eu pesquiso na internet entendeu, eu tenho um dicionário, enciclopédia de literatura, aí vejo nas bases como é que estão. (MAMM).

5.3 Fatores ligados ao documento

Os fatores ligados ao documento nesta pesquisa estão relacionados às seguintes subcategorias:

5.3.1 Conteúdo temático

Esse subtópico apresenta reflexões sobre o conteúdo temático do documento. Assim, os assuntos das obras podem ser considerados de fácil ou de difícil compreensão, dependendo da percepção do indexador. Uma entrevistada relata sua insegurança quando indexa alguns livros. Para trabalhar com essas obras a bibliotecária utiliza muito tempo, pois tem dificuldade para determinar os assuntos, já que esses são os assuntos difíceis, ou seja, vemos aqui mais uma relação com os fatores ligados ao indexador. Na percepção da entrevistada da bibliotecária da Embrapa, os assuntos difíceis são os que ela gasta muito tempo para entendê-los.

Depende muito do livro, tem livros que eu faço a indexação em segundos, alguns livros já teve dia de eu ficar assim meia hora, uma hora pra eu conseguir me sentir satisfeita de saber que eu to colocando ali um mínimo, mas mesmo assim fico um pouco insegura sabe? Porque tem alguns assuntos que pegam mesmo. (EMBRAPA).

Para a bibliotecária da Embrapa, um fator complicador para descrever o assunto do livro foi a visão política do autor. Na perspectiva apresentada por ela, isso pode influenciar o conteúdo da obra. Para indexar, ela prefere procurar uma pessoa da empresa com conhecimento da área política; essa atitude traz uma

indexação influenciada pela visão política da pessoa da empresa. Dessa forma, a obra continuará com uma tendência política, mas voltada para a empresa.

Quando o livro por exemplo tem um viés político, eu to com um livro, que eu até deixei ele separado ali, porque, eu dou uma olhada no livro, ele chama.. acho que agropecuária uma atividade de alto risco, eu vejo nele que ele tem um viés político, eu sinto nele que ele é um pouco tendencioso, então ainda estou com um certo receio, e eu vou precisar consultar alguém, é.. de uma área política aqui dentro da Embrapa que possa me dar uma opinião, de como que eu vou tratar esse livro na hora de indexar. (EMBRAPA).

Para Lancaster (2004), assuntos relacionados à teoria são mais difíceis que assuntos sobre a prática, mas observa-se que esse fator dependerá mais da percepção do bibliotecário. Um assunto que está claro em um livro para um bibliotecário pode não estar para outro, isso irá depender do conhecimento prévio e do interesse do profissional pelo assunto.

Quando o assunto ta claro no livro e é um assunto não muito complexo, né!? É mamão com açúcar. (UFJF).

Assim, para cada bibliotecário podem existir diferentes fatores que irão dificultar o conteúdo do documento, não sendo somente a obra isolada, a percepção do bibliotecário que determinará a facilidade ou dificuldade do conteúdo temático.

5.3.2 Apresentação / sumarização/ estrutura

No subtópico apresentação, sumarização e estrutura, trabalha-se com a forma que as informações estão apresentadas no documento. Esse é um fator que pode facilitar ou dificultar na indexação, dependendo de como as informações estão dispostas no documento ou até a sua falta.

Quando o livro não te dá muita informação, né... tipo tem o índice ali, mas você fala 'ai meu Deus', o que ta falando, será que é isso que a gente ta pensando. Que tem só lá naquele índice, que não vem o resumo uma coisa assim. (UNIVERSO).

Quando o formato de um livro é diferente dos livros em gerais traz uma dificuldade no momento de definir que tipo de documento ele é. Conseqüentemente, o processo de indexação poderia resultar em uma dificuldade em identificar quais termos seriam os mais adequados para definir a obra. A fala do bibliotecário do MAMM apresenta uma obra referente à arte que possui uma estrutura difícil de definir, fazendo com que a indexação fique mais complicada. Devido à biblioteca ser especializada, não se pode simplesmente conceituar a obra como arte, é necessário aprofundar mais para que a apresentação não seja confusa e dificultada.

O que é mais trabalhoso para indexar é livro referente a arte, porque chega livros de formatos diferentes, você não sabe se é um catálogo, se é um livro, se você considera, se você vai ter que adotar uma política, você vai ter que colocar lá na indexação 'isso é um catálogo da exposição que aconteceu na FAAP e tal' 'É um livro', 'é um catálogo da exposição só que em formato de livro'. A FAAP tem o costume de transformar toda exposição deles em livros, nós temos aqui, ele recheia de textos a exposição entendeu? (MAMM).

Outras tipologias de livros, como os didáticos, os paradidáticos e os de literatura, também se diferenciam na estrutura, no formato e na sumarização. A entrevistada do Jesuítas relata que durante a indexação eles também são tratados de formas diferentes. Os livros paradidáticos são mais manuseados para indexar, enquanto os livros de literatura geralmente não o são. Lembrando que em outros depoimentos, a entrevistada relatou que os livros de literatura são indexados baseando na editora ou nos resumos de livrarias.

varia do livro, no livro páradidático é diferente né!? é outro tipo de... de... Eu recorro mais ao livro, mas o de literatura é muito difícil recorrer ao livro, sentar para ler o livro, só quando o livro é muito assim específico de alguma coisa que a gente comprou, voltada para o professor, né!? Mais técnico, que aí eu sento e dou uma lida no livro para indexar. (JESUITAS).

5.3.3 Língua e linguagem

Nesse subtópico, realiza-se observações sobre a língua em que o documento é apresentado. A fluência da língua que o bibliotecário tem influenciará no trabalho de indexação. Ao longo desta pesquisa, além das línguas estrangeiras, também apareceu a dificuldade de lidar com o sistema Braille. Uma alternativa utilizada pela bibliotecária da Municipal foi o auxílio de uma pessoa que possui conhecimento em Braille.

Tem Braille também, que a minha maior dificuldade é o Braille, que as vezes não tem a folha de rosto escrito, é... ta em braile, e eu ainda não me especializei na coisa... Mas sempre tem uma menina que ai vai e fala comigo, tudo, entendeu? (MUNICIPAL).

Quando a dificuldade apresentada é em línguas estrangeiras, os bibliotecários já possuem um sistema para identificação, utilizam dicionários ou procuram em catálogos de bibliotecas estrangeiras, auxiliando na dificuldade que possuem com a língua.

Esses livros também em língua estrangeira, eu tenho o básico do inglês, o básico do espanhol, né? Que as vezes dificulta para saber, a nacionalidade do autor, e tudo né? O que significa, o que quer dizer, [...] e ai a gente faz pesquisa na biblioteca nacional, e fazemos pesquisa também na library of congress commerce de washignton. (MUNICIPAL)

Essa subcategoria possui relação com os “fatores ligados aos vocabulários”, mais especificamente com o subtópico “disponibilidade de instrumentos auxiliares afins”. Para ajudar na compreensão do conteúdo de obras de uma língua desconhecida, os bibliotecários utilizam dicionários, catálogos de bibliotecas e pessoas como instrumentos auxiliares. A variedade de língua foi mais mencionada na biblioteca municipal, acredita-se que o conhecimento mais geral do bibliotecário e a multiplicidade das obras são influenciadas pelo tipo da instituição.

5.4 Fatores ligados ao ‘processo’

Os fatores ligados ao processo de indexação são influenciados pela instituição/ biblioteca, pois os subtópicos dessa categoria dependerão da política de indexação da biblioteca. Assim, durante essa pesquisa, identificaram-se as seguintes subcategorias:

5.4.1 Produtividade exigida

Esse subtópico apresenta reflexões sobre a produtividade exigida nas bibliotecas. O fator produtividade influencia no processo de indexação devido ao tempo gasto e ao volume de trabalho que é exigido, podendo proporcionar uma variação na qualidade da indexação. Este estudo encontrou falas de necessidade de produtividade com prazos curtos e falas de liberdade nos prazos e volume de trabalho.

A fala da bibliotecária da UFJF apresenta a necessidade de realizar o trabalho com rapidez por causa dos prazos, mas justifica o curto prazo pela necessidade dos alunos. Deste modo, observa-se que o fator produtividade foi influenciado pela comunidade atendida.

Eu vou fazer as fichas catalográficas porque tem prazos, os alunos precisam de uma certa urgência. (UFJF).

Para a entrevistada da Municipal, a cobrança por produtividade e a exigência de prazos curtos atrapalha o desenvolvimento do serviço, acarretando em trabalhos mal feitos. Entretanto, na instituição em que trabalha, ela afirma que possui liberdade na produtividade tornando assim um trabalho mais prazeroso.

Então eu acho que isso que é leve, né? O serviço agradável, e tudo, porque não é uma coisa assim? Que força você ter que fazer tantos livros, você tem que fazer isso, você tem que fazer aquilo. Não tem essa cobrança, assim na gente, entendeu? Em muita empresa você tem cota, você tem que... aquela coisa. Então eu acho que trabalhar aqui é gratificante por causa disso. Né? Você tem a liberdade né? De fazer uma coisa, e você faz bem, né? Com consciência da coisa. (MUNICIPAL).

5.4.2 *Exaustividade*

A partir do subtópico exaustividade, trabalha-se com a quantidade de termos que podem ser atribuídos a um documento. Esse fator irá depender da política de indexação da biblioteca, ou se não tiver, a decisão ficará a cargo do próprio bibliotecário. Este estudo observou decisões por indexações exaustivas e seletivas e foram encontradas as duas formas.

Devido à falta de uma política de indexação, a bibliotecária do IFET relata um caso em que duas profissionais da mesma biblioteca utilizaram indexação exaustividade e seletiva. A falta de padronização em uma mesma instituição pode prejudicar a recuperação; portanto, é necessário que se mantenha similaridade na base de dados.

Então primeiro seria eletrônica, então depois o que eu que faço, eu dou uma apanhada aqui no sumário, ai aqui eu já colocaria Diodo, mas a minha indexação já é mais enxuta, eu não coloco muitos termos não... (risos)... minha média é 3 no máximo 5, eu tenho um jeito diferente de trabalhar da Maria, eu coloco poucos, á Maria já não... a Maria, ela digita esse sumário inteiro aqui... ela faz isso. (IFET).

A bibliotecária da Universo relatou que na biblioteca em qual trabalha, a indexação seletiva ocasionou uma má recuperação. Vale lembrar, como foi advertido por Foskett (1973), que aumentar a exaustividade não significa melhorar a recuperação, é necessário, também, haver um sistema com especificidade adequada.

Porque você jogando a palavra chave nunca encontra tudo que precisa, na indexação aqui, porque não se coloca muitas palavras a indexação daqui. (UNIVERSO)

O mais importante desse subtópico é a sua relação com a recuperação. A decisão de ser exaustivo ou seletivo deve ser avaliada se a recuperação está satisfazendo seus usuários. No processo de indexação das bibliotecas visitadas foram encontradas variações do local da exaustividade. Na fala abaixo, da bibliotecária da Embrapa, observa-se que as palavras-chave não são os únicos pontos de acesso ao conteúdo do documento, assim, elas não são trabalhadas com

muita cautela, pois existe outro campo que também é recuperado e é utilizado para uma descrição mais abrangente.

Eu procuro colocar pelo menos uma palavra geral, e depois as palavras mais específicas, o nosso programa de catalogação ele tem um campo que chama conteúdo, no qual você pode descrever todos os títulos dos capítulos e isso tudo é recuperado, então as vezes a gente não tem muita preocupação também na hora da palavra chave, porque a gente joga os títulos de todos os capítulos nesse campo conteúdo, você também pode usar o campo conteúdo e usar um parágrafo, não necessariamente tem que ser os títulos dos livros, um parágrafo que você acha que descreve bem, ou que seria importante pra se esclarecer o conteúdo do livro. E isso tudo é recuperado na hora que você faz a busca. (EMBRAPA).

Em outra biblioteca também foi encontrado outro campo de descrição do conteúdo conforme o testemunho acima. A bibliotecária do Jesuítas afirma que na definição das palavras-chave foi decidido por uma menor quantidade de termos, em contrapartida acabam por utilizar campos que podem realizar uma densa descrição.

A palavra chave eu pego no livro, no livro entendeu? Eu pego o livro e analiso se tem necessidade de colocar mais informações do que só literatura infanto-juvenil, porque como o PHL ele utiliza muito o resumo, então não tem necessidade de eu encher a palavra chave, ali, mas ela nunca fica em branco, ela tá sempre indicando, literatura portuguesa, literatura brasileira, ficção, literatura americana, romance americano, romance chileno, entendeu!? ela tem sempre uma palavra chave. Na verdade é assim, quando você pega o livro o que ele te informa de imediato, ele é o quê, é a palavra mais resumida, o que coloca ali, o resumo é a descrição maior. (JESUITAS).

Observa-se que duas bibliotecas de tipos diferentes, uma especializada e outra escolar, utilizaram formas parecidas. Decidiram uma menor quantidade de palavras-chave, mas utilizam outros campos para a recuperação, ocasionando uma indexação exaustiva. Essa subcategoria, neste estudo, não foi influenciada pelo tipo de biblioteca, já a especificidade foi influenciada pela tipologia das bibliotecas.

5.4.3 Regras e instruções

No subtópico regras e instruções, realizam-se observações sobre como elas são utilizadas e aplicadas. Na fala abaixo, uma opinião positiva é apresentada em relação à normalização. Mostra-se, assim, que regras trazem uma uniformidade do trabalho. O bibliotecário do MAMM considera que por trabalhar em uma biblioteca especializada, é necessário estabelecer critérios para o tratamento temático do livro, de forma que, ela ocorra da melhor forma possível. Para que essa padronização permaneça, faz-se necessário o registro desses critérios.

é o que eu pretendo fazer aqui, mais pra frente, acho que depois desse catálogo, eu vou tentar assim normalizar : como é que você, que critérios você usa pra classificar livros referentes a obras de arte. Entendeu? Livros de literatura, qual é o enfoque. [...] Porque como agente tem esse acervo específico, agente tem que ir tendo disponibilidade de tratar da melhor forma, então você tem que justificar sua profissão fazendo um trabalho melhor possível, entendeu? (MAMM).

Uma importante contribuição dos manuais é a continuação do cumprimento das instruções, visto que é independente da pessoa que trabalha, porque estará registrado. Outro fator importante é a compreensão da forma de fazer, ou seja, o porquê é feito daquela forma.

A bibliotecária da Embrapa relatou sobre o manual que contém as regras e as instruções de trabalho. Apesar da utilização não ser obrigatória, a entrevistada acredita ser importante a padronização das bibliotecas da instituição para que se tenha uma recuperação uniforme. Outro fator importante nesta fala é sobre a revisão que está ocorrendo no manual. Faz-se necessário uma atualização periódica de todos os manuais de uma biblioteca, pois os tempos trazem mudanças e como um sistema de informação, somos fontes de referência.

Tem um manual, a Embrapa tem um manual de informação e documentação, que está sendo revisto atualmente e ele descreve todas as normas da biblioteca, inclusive essa parte de catalogação e indexação, qual é o sistema de classificação que a gente deve... é recomendado, quais são os Tesouros que a gente deve usar, isso tudo tá descrito, e não é obrigatório, mas na medida do possível a gente procura acompanhar para gente conseguir ter uma igualdade na hora da busca. (EMBRAPA)

Lancaster (2004) considerou que os bibliotecários são mais eficazes quando possuem regras e instruções claras. Não foram encontradas, neste estudo, regras que fossem oficializadas e obrigatórias. Vale salientar que observamos a existência delas, mas como uma abertura para a utilização e não por parte dos profissionais.

5.4.4 Tipo de indexação

Nesse subtópico trabalha-se com dois tipos de indexação: por extração e por atribuição. Como este último já foi abordado nos fatores ligados ao vocabulário, esse subtópico irá trabalhar mais com a indexação por extração, ou seja, quando não há controle na determinação dos termos de entrada dos documentos. Neste estudo, a maior parte das bibliotecas utiliza vocabulário livre (indexação por extração).

A profissional da Embrapa prefere a utilização do vocabulário livre alegando que consegue adequar mais aos seus usuários. Essa decisão foi tomada em uma biblioteca especializada - que mesmo utilizando um tesauro, considerado uma linguagem de indexação mais estruturada -, com o intento de utilizar termos livres para poder adicionar os termos que sua comunidade faz uso. Mesmo com instrumentos mais qualificados, não conseguiremos representar todo o conteúdo de uma determinada área para uma comunidade, necessitando de sua revisão e atualização de forma periódica.

Então a gente procura colocar, quando a gente vai fazer a indexação de um documento, a gente procura colocar algum termo que exista no Tesauro, os termos em inglês que existam na NAL, que sejam adotados pelo Tesauro da NAL, e também esse de termos livres, que é muito importante porque tem alguns tipos de palavras, de termos expressões, que identificam aquele material, e as vezes as pessoas procuram por aquele termo, então a gente costuma também colocar isso na indexação para facilitar na hora da recuperação. (EMBRAPA).

Em outro depoimento, a mesma bibliotecária apresentada acima relata sobre a utilização de um termo específico. Pode-se observar que a indexadora utiliza o nome de um evento como uma palavra-chave, esta instituição, como falado anteriormente, utiliza um tesauro e vocabulário livre exatamente por este motivo, no tesauro ela não encontraria esse termo. Assim, com o vocabulário livre, ela pode utilizar variações de termos que se adequem mais aos seus usuários.

Não tem controle nenhum, por exemplo, as vezes ele é um livro que foi lançado durante um evento que foi chamado Rio leite sul, as pessoas vão vir aqui e vão procurar o livro do Rio leite Sul, então eu lanço isso como uma palavra chave, porque vai ser a maneira que eu vou ter de encontrar aquele livro, porque muitas pessoas não vão saber o título do livro, não vão saber os autores, então alguma palavra que ajude a identificar aquele documento eu coloco isso ai realmente não tem controle nenhum. (EMBRAPA).

Essas falas acima ilustram a dificuldade da indexação por atribuição. Apesar da indexação por extração ser considerada mais simples, ela se torna mais maleável na adaptação à linguagem da comunidade.

Em conformidade com o ponto de vista que acabamos de mostrar, a bibliotecária do Jesuítas também considera que a linguagem natural facilita para adequar a necessidade do usuário e acredita que o vocabulário controlado traria maior dificuldade de adaptação, por ser um instrumento mais fixo.

A indexação é fácil, não sei se é porque a gente não tem esse... esse controle de vocabulário, essa coisa assim, porque chega um livro, a gente analisa o livro voltado para usuário. [...] então isso me facilita a indexação, eu não tenho essa dificuldade, eu não sei se eu colocar esse controle, esse

vocabulário uma coisa assim, engessa né!? eu acho que a gente teria essa dificuldade entendeu!? (JESUITAS).

Com o vocabulário livre, o bibliotecário consegue refletir mais as necessidades dos usuários, mas fica uma questão: e a ambiguidade e precisão dos termos? De que forma isso é observado? Independente da escolha é necessário analisar se a recuperação está satisfatória à sua comunidade, pois o objetivo da indexação é que os documentos sejam encontrados por seus assuntos.

5.4.5 Avaliação do processo

O subtópico avaliação do processo apresenta reflexões sobre dois tipos de apreciações: uma sobre indexações utilizadas como auxílio e, a outra, sobre termos utilizados anteriormente.

Durante o processo de indexação alguns profissionais consultam o trabalho realizado por outros bibliotecários como auxílio, mas é importante analisar e avaliar essas outras indexações para ver se estão adequadas à sua biblioteca. As falas abaixo mostram essa opinião do bibliotecário do MAMM em relação a essa avaliação na tomada de decisão dos seus termos. O entrevistado acredita que é importante o indexador confiar no seu conhecimento.

Agora os livros produzidos atualmente sobre artistas, é o que dá um pouco mais de dúvidas entendeu, às vezes você olha nas diversas bibliotecas e um catalogou de um jeito, você olha assim... não gostou muito, você já encarou de um ângulo, o outro, de um outro ângulo, o outro encaixou aquela obra como se fosse exatamente uma obra de literatura e acho que merece um outro olhar, um outro viés entendeu. (MAMM).

Porque agente vê muito copiar a indexação das bases de fora, mas será que lá quem fez lá fez com propriedade? Tem que confiar na sua propriedade você viu lá na USP feita, na UNESP ou outra universidade aí você tem que checar com a sua análise da obra aí vê "poxa eu acho que o termo é legal e tal". (MAMM).

A entrevistada da Embrapa relata que quando outras indexações são encontradas, ela também confere o trabalho realizado, pois a indexação pode ter sido seletiva ou os termos escolhidos não serem representativos para a biblioteca. É importante a conferência por causa das regras e instruções da biblioteca e o tipo de indexação utilizada.

Quando eu sei que é feita pela Embrapa, as vezes as fichas de catalogação feitas por outras unidades elas são sucintas demais, ou as vezes elas repetem muito as palavras que já estão no título, como nosso sistema já recupera automaticamente as palavras do título, eu procuro colocar outras palavras na hora da indexação. Basicamente é isso. (EMBRAPA).

Outro tipo de avaliação do processo de indexação é relativo ao termo indexado anteriormente. É necessário avaliar se os termos estão representando o conteúdo do documento adequadamente e se os usuários estão buscando por estes termos. A bibliotecária da Embrapa aborda sobre esse tema. Ela ainda afirma que podemos indexar um documento atualmente e, no futuro, ele pode vir a ser um documento histórico. Por isso há a necessidade da revisão da indexação.

Eu acho, que os livros que falam da história do leite, ou da produção de leite no Brasil que eles não estão bem indexados aqui nessa biblioteca, eu estou aqui nessa biblioteca tem 9 anos, tem uma grande parte de material que é a história do leite que antes de eu chegar aqui, em nenhum momento tem na indexação deles falando que a história, então as vezes quando eu tenho aqui usuários de pesquisa histórica, eu tenho uma certa dificuldade, eu sei que tem o material aqui e não consigo encontrar por essas palavras que eu acho que seriam importantíssimas estar identificando esses documentos, por elas, então nesse caso eu acho que as vezes acontece de ser mal sucedido, por essas palavras não terem sido colocadas, talvez na época a pessoa não deslumbrou que na aquele documento ia ser histórico um dia ia ser necessário. (EMBRAPA).

Em concordância com a necessidade da revisão, a bibliotecária da Municipal relata que no desenvolvimento do inventário, ela realiza a revisão da indexação pela circulação do livro, mostrando a importância dessa avaliação, porque pode ocasionar a não recuperação e, conseqüentemente, a não utilização da obra.

Olha, isso acontece até hoje, sabe? Porque as vezes você faz uma indexação de um livro, de uma complexidade essa coisa assim, ele vai aí vem um outro exemplar aqui, eu pego a fichinha 'do coisa ali'.. dou uma olhada. "Gente não tem nada haver, isso", aí eu vou recolho o livro, a gente sempre tá fazendo isso, sabe? Às vezes vou fazer um inventário, olho 'no coisa ali' a circulação dele.. há.. não tá circulando porque? Aí a gente vai lá recolhe, eu falo que aqui, aqui no nosso trabalho, a gente dá 2 pulo pra frente 4 pra trás, né. (MUNICIPAL).

Durante a análise, observa-se que os tipos de bibliotecas e o perfil do bibliotecário influenciaram na indexação. Os fatores mais importantes foram os ligados ao vocabulário, pois os profissionais das unidades de informação especializadas sentiram a necessidade de um vocabulário mais específico de que outras unidades. Já os fatores ligados ao processo, não possuem muita relação com o tipo de biblioteca, por ser mais influenciado pela cultura organizacional, e não tanto pela tipologia da biblioteca. Os fatores ligados ao indexador, como o próprio nome já diz, são mais representativos, mas em bibliotecas especializadas o conhecimento sobre o assunto foi um fator facilitador, por ter mais contato com a área. Os fatores ligados ao documento também sofrem influência do indexador, já que dependem do conhecimento prévio do profissional para compreender melhor os elementos do

documento. Assim, o tipo de biblioteca influenciou na atividade de indexação, mas o perfil do bibliotecário perpassa por todas suas ações.

5.5 Metáfora

O ultimo tópico é denominado de metáfora, essa categoria corresponde a uma pergunta na entrevista: Diga-me um símbolo/animal/fruta/música que descreva a atividade de indexação? Por quê? Decidiu-se colocar esse tópico separado para que as falas fossem mais representativas.

A bibliotecária da Municipal considera a atividade de indexação um “porco espinho”. Ela faz essa relação devido às divergências de pensamento que o profissional pode ter em relação ao seu usuário. Neste sentido, a entrevistada relata que a indexação deve ser para a comunidade e não refletir somente o pensamento do profissional. Esse ato de reprimir o pensamento, a crença, a ideia do bibliotecário e transpor a necessidade da comunidade é considerado por ela como um “porco espinho”, ou seja, algo complicado de realizar.

Um Porco espinho.... Um porco espinho... é muito, mas é muito complicado. [...] Porque você não pode pensar com a sua cultura, com o que você entendeu, você tem que tá ligado o que seu publico vai querer, né? [...] Porque eu tenho que vender o peixe é pra ele, não é pra mim, sob o meu aspecto, e minha visão, então por isso que eu acho que é um porco espinho porque sempre tem gente contestando... quer dizer é um porco espinho assim coisa.. que faz a gente refletir e crescer... ele espeta.. espeta... espeta... como quem diz né? perai, não é assim não.. vamos... e tá legal... (MUNICIPAL).

Em sua fala “sempre tem gente contestando” pode repercutir o tipo de biblioteca, no caso a municipal, como possui uma grande variedade de público, conseqüentemente, possui uma multiplicidade de visões. Vários olhares diferentes podem contestar determinadas escolhas na indexação, pois não existirá uma indexação que reflita todas as visões desse vasto público.

Observa-se que exatamente o que a bibliotecária considerou mais importante durante o processo de indexação, a importância do usuário, foi o fator dificuldade que ela apresentou na metáfora, ou seja, considerar a visão do indexador com a do usuário foi encarado como complicado.

Eu tenho que trabalhar com isso, o que vem mais, o que procura mais, a necessidade da pessoa. Então o indexador vai ter justamente, o contato

com o público para conseguir fazer uma boa indexação, porque não adianta ele fazer pra si. Tá... eu acho que o mais importante é isso. (MUNICIPAL).

Dessa forma, a indexação é representada como um processo custoso, pois para ela o processo deve ser realizado pensando em sua comunidade e não refletir suas considerações. As peculiaridades dessa atividade para ela são representadas em divergências de pensamento, por isso se torna custoso, controlar sua influencia no processo; além disso, é importante ressaltar que não se trata de uma tarefa fácil. Cunha (1990) afirma que, para a biblioteconomia, o sujeito/bibliotecário não é considerado no processo de indexação e é, esse esforço, que a bibliotecária da municipal busca. Anular e representar o documento refletindo seus usuários, como ela mesma considerou, é uma tarefa difícil.

Em outra descrição, o entrevistado do MAMM comparou o processo de indexação a um “mosaico” ou à “Árvore de Porfírio”. Isso ocorre devido à relação que ele faz com os processos mentais. O bibliotecário acredita que durante a indexação o profissional irá lembrar, trazer à memória, documentos (assuntos) que já passaram por sua vida, seja na biblioteca em que trabalha ou em outros momentos. Esse movimento de recordar conhecimentos passados auxilia no entendimento e na determinação do assunto da obra. Ele afirma também, que é por esse motivo que ele considera que a atividade de indexação não é objetiva, pois cada sujeito possui um passado/memória diferente. Lucas (2000) também reconhece esse movimento no qual o bibliotecário é afetado por seu contexto sócio-histórico, sua cultura e suas histórias de leitura.

Eu faço relação assim com um mosaico, naquele mosaico você tem lá representado vários elementos de que descrevem as áreas do conhecimento ou se você pegar lá a Árvore de Porfírio do conhecimento eu acho que a indexação é um pouco disso você a sua cabeça tem que pensar como ... tem que ter um perfil da árvore de Porfírio ou você sempre consegue fazer um mosaico daquele acervo entendeu você consegue falar sobre aquele acervo entendeu citar assim... dentro de um acervo você cita obras porque você sabe que tem porque na sua cabeça espelha ou você conseguiu espelhar a sua memória [...] É porque precisa remeter porque eu preciso fazer associações sobre as várias áreas do conhecimento, não sei, na hora são processos mentais você já viu aquele livro na sua infância você já viu em algum lugar, você tece um...por isso que não tem essa objetividade porque é uma relação de vida, da sua vida com aquilo que você tem na mão. (MAMM).

O pensamento da “Árvore de Porfírio” possui relação com os processos mentais. O bibliotecário acima possui várias experiências profissionais e pessoais na área do conteúdo informacional da biblioteca; na realidade, ele possui uma grande

afinidade pela área. Assim, quando trabalha com as obras desta biblioteca, seu conhecimento prévio o auxilia no melhor entendimento do conteúdo da obra.

A entrevistada da biblioteca do IFET relaciona sabedoria com indexação; observa-se que ela sente que o profissional tem que possuir um pouco de conhecimento sobre tudo, mas como ela mesma argumenta, isso é difícil de acontecer. Entretanto, aponta atitudes e instrumentos que podem ser utilizados com o objetivo de se conhecer melhor cada área em que for trabalhar. A indexação é uma atividade que necessita de uma continuidade de aprendizagem.

A coruja representa a sabedoria né... então a indexação você tem que ter um conhecimento geral de tudo, né. Não adianta se você não tem... que nem eu, o direito, quando eu comecei a fazer... eu cheguei a trabalhar em uma biblioteca de direito mesmo. A primeira coisa que eu fiz foi pegar aquele livro lá... introdução a estudo de direito (risos) deixa eu pegar para eu dar um apanhado, para ter uma noção maior porque agente não domina todo o conhecimento é impossível, ninguém, né. Eu acho assim, se agente vai trabalhar numa biblioteca de física você tem que começa a estudar um pouquinho mais aquilo, tem que ter, porque isso ajuda, se não tiver você apanha muito... (IFET).

As várias experiências de estágios e empregos em bibliotecas escolares e universitárias auxiliaram a bibliotecária acima a compreender que é necessário o indexador conhecer melhor cada área do conhecimento em que trabalha; não é preciso dominar tudo, mas é essencial que o bibliotecário procure formas de saber mais sobre os assuntos que trabalha.

A bibliotecária da Embrapa compreende a indexação como um “gato”. Para ela, o “gato” é um desafio. Na descrição da entrevistada, observa-se que o desafio é um processo gradual, no qual o sujeito vai aprendendo a lidar com a situação, vai conhecendo cada vez mais seu objeto. Dessa forma, para ela, a indexação é um processo de aprendizagem que o profissional vai relacionando cada vez mais a atividade e conhecendo melhor o seu campo de estudo. O interesse por aprendizado depende do perfil do bibliotecário, assim, os fatores ligados ao indexador, apresentados por Lancaster (2004), também influenciarão no processo de aprendizagem e esse processo irá variar de acordo com esses fatores.

A indexação ela é pra mim um desafio, um desafio porque eu gosto, mas não sei como eu representaria isso com um símbolo... Um gato, um gato é um desafio, porque pra você conquistar a confiança dele, pra você entender o comportamento, pra você aprender a conviver com ele pra você saber se ele vai gostar de você ou não, ele é um desafio, mas um desafio que eu gosto muito, que eu aprecio. (EMBRAPA).

Essas três representações relacionam a indexação com o conhecimento. Nas falas acima, encontram-se processos mentais, sabedoria, e o desafio do

processo de aprendizagem, mostrando, assim, o trabalho intelectual que existe na atividade de indexação. O conhecimento prévio e a busca por novos conhecimentos são fundamentais para o aprimoramento da atividade de indexação, não só dela, mas também do sujeito no todo.

Em contraposição, a bibliotecária da UFJF aponta que a indexação é relacionada a um “funil”, já que a atividade de indexar é considerada um processo de sintetizar o conteúdo do documento. Para ela, indexação é um método de selecionar quais assuntos irão representar todo o documento. Percebe-se na fala da entrevistada que há um movimento de difícil realização quando ela expressa que todo o conteúdo da obra será representado em poucas palavras. Essa opinião pode ter sido influenciada pela mudança recente que a bibliotecária teve de uma biblioteca universitária geral para uma biblioteca universitária especializada. Consequentemente, a recente adaptação influenciou na sua representação.

[...] o que representa pra mim, é um funil, né!? Que é você condensar, né! Em alguns termos o assunto daquele documento, né!? então eu acho que é isso, você conseguir sintetizar né!? em poucas palavras o assunto todo que representa aquele livro. (UFJF).

Para a entrevistada do Colégio Jesuítas, a indexação pode ser comparada a uma “caneta”. O motivo dessa relação é que a caneta registra o pensamento. Observa-se que para a bibliotecária a indexação é o processo de trazer para a realidade o pensamento, ou seja, é definir o assunto que será utilizado. Essa definição é relatada por Albrechtsen (1993) como um desafio, i.e., o ato de encontrar o assunto da obra.

uma caneta, porque a caneta é utilizada pra escrever, pra demonstrar a palavra solta, o pensamento, ela escreve, ela...ela... como vou falar, ela grava o pensamento, entendeu!? ela da realidade, ela torna realidade aquela imaginação, ao pensamento solto, é isso!? (JESUITAS).

Para a bibliotecária da Universo, a indexação pode ser comparada a um “pássaro”. A razão dessa comparação é devido ao voo do animal. Durante a atividade de indexação, o pensamento fica solto buscando encontrar os termos que representariam o documento, esse momento de reflexão para a bibliotecária é comparado ao voo do pássaro, no sentido das palavras ainda estarem “soltas” no pensamento do profissional. O pensamento “solto” pode ser representado pela pouca experiência da bibliotecária, isso ainda pode trazer uma insegurança na atividade de indexação. Na acepção da mesma, o processo é considerado como

flutuante. A pouca experiência profissional e a insegurança neste estágio é confirmado na pesquisa de Naves (2000).

Essa é difícil... há... foi um pássaro. Porque tipo... ele voa a gente tem que tentar viajar para achar aquelas palavras, e ele fica voando assim, tipo a gente pensando, uma coisa assim. (UNIVERSO).

As três falas acima, além das representações individuais, relacionam a indexação ao ato de representar. Para elas, a indexação é um processo no qual o bibliotecário tem que encontrar, definir e sintetizar os assuntos. Observa-se aqui a relação com as normas de indexação: o bibliotecário identifica, define e traduz o termo de indexação.

QUADRO 6 – Representações das metáforas

Símbolo	O que significa para os profissionais	Categoria	Elemento do processo
Porco espinho	Divergências de pensamento	Processo custoso	Não pensar com sua cultura
			Indexação voltada para o usuário
Mosaico/Arvore de Porfírio	Processos mentais	Conhecimento	Conhecimento prévio;
			Atividade subjetiva
Coruja	Sabedoria	Conhecimento	Dominar mais o conhecimento. Buscar conhecer mais
Gato	Desafio	Conhecimento	Processo de aprendizagem
Funil	Sintetizar	Representar	Condensação do conteúdo
Caneta	Define	Representar	Definir o termo utilizado
Pássaro	Reflexão	Representar	A busca pelos os termos a serem definidos

Fonte:Elaborado pelo próprio autor.

O Quadro 6 apresenta as representações encontrada nas análises das falas das metáforas, realizadas acima, de forma esquemática. Acredita-se que essa forma de apresentar o conteúdo sintetiza e da maior clareza para entender cada símbolo expressado pelos bibliotecários.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constatamos nesta pesquisa que a atividade biblioteconômica ocorre pelo processo de interação, como a fenomenologia descreve, ou seja, bibliotecário influencia a biblioteca, que por sua vez é influenciado por ela.

Como visto no referencial teórico e reafirmado na análise dos dados, o bibliotecário é um sujeito social e, seu processo de trabalho, manifesta o seu eu. Assim, a indexação deve ser considerada como um produto que reflete o processo pelo qual foi construído, tendo influências do bibliotecário, do tipo de biblioteca, da comunidade atendida, do vocabulário, da instituição, do próprio processo, do documento, entre outros.

Quando se considera o bibliotecário como um sujeito social, admite-se que ele é formado pelas pessoas e pelo contexto em que vive, não só o contemporâneo a ele, mas também àquele que se refere ao passado. E como reciprocidade, o inverso ocorre, ou seja, o bibliotecário influencia o contexto sócio-histórico, conseqüentemente, sua constituição irá refletir em suas ações. Por isso, a atividade de indexação, quando realizada considerando o bibliotecário social, é um processo de construção. A indexação é realizada considerando o sujeito que a realiza, o documento e a biblioteca, afinal não se considera que o livro por si só expresse o assunto. Na indexação como construção, o assunto do documento será atribuído refletindo seu processo de constituição.

Acredita-se que os resultados desta pesquisa apresentam um novo olhar para o indexador, ao contrário da percepção que metodologias até então encontradas possuem, considerando o bibliotecário apenas como um instrumento de extração do assunto.

Espera-se que este estudo possa subsidiar novas formas de considerar a atividade de indexação. Dessa forma, o ensino - nos cursos de biblioteconomia -, da indexação não deve apresentar para seus alunos somente a metodologia a ser seguida, mas, também, a perspectiva do bibliotecário enquanto ser social e sua atividade um processo de construção.

Para a prática do bibliotecário, este estudo corrobora com indexação social que tem sido discutida ultimamente. Observa-se que esta prática reflete a visão deste estudo. Mesmo não utilizando a indexação social, espera-se que o bibliotecário não realize a atividade acreditando que esteja expressando

exclusivamente o conteúdo do documento, e que as palavras definidas são as únicas para aquele documento. O que se espera é que se tenha consciência que sua atividade é influenciada por fatores externos ao livro, não sendo uma ocorrência problemática, mas algo indissociável à atividade de indexação e útil, pois também irá refletir os interesses do usuário.

Como apontamentos de estudos futuros, sugere-se que ocorram mais estudos considerando o bibliotecário como um sujeito social em suas outras atividades, como por exemplo, de administração, de catalogação, de referência. Outra sugestão são estudos analisando a atividade de indexação com a mesma visão desta pesquisa, mas por área do conhecimento, sendo uma forma mais aprofundada do trabalho de conclusão do curso de graduação desta pesquisadora.

REFERÊNCIAS

ALBRECHTSEN, H. Subject analysis and indexing: from automated indexing to domain analysis. *The Indexer*, v. 18, n. 4, p. 219-224, Out. 1993.

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. Profissional bibliotecário: um pacto com o excludente. In: BAPTISTA, S. G.; MUELLER, S. P. M. *Profissional da informação: o espaço de trabalho*. Brasília: Thesaurus, 2004. p. 70-86.

ARAÚJO, E. A.; DIAS, G. A. A atuação profissional do bibliotecário no contexto da sociedade de informação: os novos espaços de informação. In: OLIVEIRA, M. de (Coord.). *Ciência da informação e biblioteconomia: novos conteúdos e espaços de atuação*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005. p.111-122.

ARAÚJO, E. A.; OLIVEIRA, M. de. A produção de conhecimento e a origem das bibliotecas. In: OLIVEIRA, M. de (Coord.). *Ciência da informação e biblioteconomia: novos conteúdos e espaços de atuação*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005. cap. 2, p. 29-43.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR 12676 – Métodos para análise de documentos: determinação de seus assuntos e seleção de termos de indexação*. Rio de Janeiro, 1992.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1999.

BARTHES, R.; COMPAGNON, A. Leitura. In: ENCICLOPÉDIA Einaudi. Porto: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1994 apud LUCAS, C. R. *Leitura e interpretação em biblioteconomia*. Campinas: Ed. UNICAMP, 2000.

BERGER, P.; LUCKMAN, T. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

BOEMER, M. R. A condução de estudos segundo a metodologia de investigação fenomenológica. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*, v. 2, n.1, p. 83-94, 1994. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11691994000100008&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 10 set. 2010.

BUREAU OF LABOR STATISTICS. *Occupational Outlook Handbook, 2010-11*. Disponível em: <<http://www.bls.gov/oco/>>. Acesso em: 15 jul. 2011.

CAPURRO, R. Epistemologia e ciência da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2003, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação e Biblioteconomia, 2003.

CHAUÍ, M. de S. *O que é ideologia*. 22. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. (Primeiros Passos, 13).

CINTRA, A. M. N. Estratégia de leitura em documentos. In: SMITH, J. (Org.). *A análise documentária: análise da síntese*. Brasília: IBICT, 1987.

COLÉGIO DOS JESUÍTAS. Biblioteca. Disponível em:

<<http://www.colegiodosjesuitas.com.br/biblioteca.php>>. Acesso em: 10 dez. 2011.

CRITELLI, D. M. *Analítica do sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

CUNHA, I. M. R. F. *Do mito à análise documentária*. São Paulo: Edusp, 1990. (Teses, v. 11).

DABNEY, D. P. The curse of Thamus: an analysis of full-text legal document retrieval. *Law Library Journal*, v. 78, p. 5-40, 1986 *apud* LANCASTER, F. W. *Indexação e resumos: teoria e prática*. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

DIAS, E. W.; NAVES, M. M. L. *Análise de assunto: teoria e prática*. Brasília: Thesaurus, 2007. (Estudos avançados em Ciência da Informação, v. 3).

EMBRAPA GADO DE LEITE. Disponível em: <<http://www.cnpqgl.embrapa.br/>>. Acesso em: 10 mar. 2011.

FOSKETT, A. C. *A abordagem temática da informação*. São Paulo: Polígono, 1973

FROHMANN, B. Rules of indexing: a critique of mentalism in information retrieval theory. *Journal of Documentation*, v. 46, n. 2, p. 81-101, jun. 1990.

FUGMANN, R. The complementarity of natural and indexing languages. In: CHAN, L. M.; RICHMOND, P.; SVENONIUS, E. (Org.). *Theory of subject analysis*. Littleton, CO: Libraries Unlimited, 1985. p. 390-402. *apud* DIAS, E. W.; NAVES, M. M. L. *Análise de assunto: teoria e prática*. Brasília: Thesaurus, 2007. (Estudos avançados em Ciência da Informação, v. 3).

FUJITA, M. S. L. A leitura documentária na perspectiva de suas variáveis: leitor-texto-contexto. *DataGramaZero*, v. 5, n. 4, ago. 2004. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/ago04/Art_01.htm>. Acesso em: 30 mar. 2011.

FUNDAÇÃO CULTURAL ALFREDO FERREIRA LAGE (Juiz de Fora). Biblioteca Municipal Murilo Mendes. Disponível em: <<http://www.pjf.mg.gov.br/funalfa/biblioteca/acervo.php>>. Acesso em: 10 mar. 2011.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989. 323 p.

GONZÁLEZ DE GOMEZ, M. N. A representação do conhecimento e o conhecimento da representação: algumas questões epistemológicas. *Ciência da Informação*, v. 22, n. 3, p. 217 - 222, set./ dez. 1993.

HASSAN-MONTERO, Y. Indización Social y Recuperación de Información. *No Solo Usabilidad Journal*, Granada, n. 5, nov. 2006. Disponível em: <http://www.nosolousabilidad.com/articulos/indizacion_social.htm>. Acesso em: 05 abr. 2010.

HJORLAND, B.; ALBRECHTSEN, H. An analysis of some trends in classification research. *Knowledge Organization*, v. 26, n. 3, p. 131-139, 1999.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA SUDESTE DE MINAS GERAIS. Campus Juiz de Fora. Disponível em: <<http://www.ctu.ufjf.br/index.php?centro=historico.php&abre=s>>. Acesso em: 10 dez. 2011.

KOBASHI, N. Y. *Elaboração de informações documentárias: em busca de uma metodologia*. 1994. 195 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Arte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

LANCASTER, F. W. *Indexação e resumos: teoria e prática*. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

LITTON, G. *Arte e ciência da biblioteconomia*. São Paulo: McGraw-hill, 1975a.

LITTON, G. *Classificação e catálogos*. São Paulo: McGraw-hill, 1975b.

LUCAS, C. R. *Leitura e interpretação em biblioteconomia*. Campinas: Ed. UNICAMP, 2000.

MARTINS, Wilson. *A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca*. São Paulo: Ática, 2002.

MEY, E. S. A. *Introdução à catalogação*. Brasília: Briquet de Lemos, 1995.

MICHELAT, G. Sobre a utilização da entrevista não-diretiva em Sociologia. In: THIOLENT, M. *Crítica metodológica, investigação social e enquête operária*. São Paulo: Polis, 1981, p.193-214

NAVES, M. M. L. *Fatores interferentes no processo de análise de assunto: estudo de casos de indexadores*. 2000. 275 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.

OLIVEIRA, Marlene de. Origens e evolução da ciência da informação. In: _____. *Ciência da informação e biblioteconomia: novos conteúdos e espaços de atuação*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005. cap. 1, p. 9 -28.

ORTEGA Y GASSET, J. *Missão do bibliotecário*. Brasília: Briquet de Lemos, 2006.

ORTEGA, C. D. Relações históricas entre Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação. *DataGramaZero - Revista de Ciência da Informação*, v.5, n.5, out. 2004.

OUTHWAITE, W.; BOTTOMORE, T. (Ed.). *Dicionário do pensamento social no século XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. p. 307-310.

PINHEIRO, L. V. R. Medidas de consistência. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 7, n. 2, p. 109-114, 1978.

PINTO MOLINA, Maria. Introducción al análisis documental y sus niveles: el análisis de contenido. *Boletín de la ANABAD*, tomo 39, n.2, p.323-341, 1989. Disponível em:

<<http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=798857>>. Acesso em: 15 maio 2012.

RAFFERTY, P. The representation of knowledge in library classification schemes. *Knowledge Organization*, v. 28, n. 4, p. 180-191, 2001.

SANTOS, G. C.; RIBEIRO, C. M. *Acrônimos, siglas e termos técnicos: arquivística, biblioteconomia, documentação, informática*. Campinas: Átomo, 2003.

SHANNON, C. E.; WEAVER, W. *The Mathematical Theory of Communication*. Urbana, Illinois: University of Illinois Press, 1949.

SILVA, A. M. Arquivística, Biblioteconomia e Museologia: do empirismo patrimonialista ao paradigma emergente da ciência da informação. In: INTEGRAR – CONGRESSO INTERNACIONAL DE ARQUIVOS, BIBLIOTECAS, CENTROS DE DOCUMENTAÇÃO E MUSEUS, 1., 2002, São Paulo. *Anais...* São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002, p. 573-607.

SILVA, A. M. D. Inclusão digital e literacia informacional em Ciência da Informação. *Prisma.com*, v. 7, p. 16-43, 2008. Disponível em: <<http://revistas.ua.pt/index.php/prisma.com/article/viewFile/683/pdf>>. Acesso em: 20 maio 2012.

SILVA, A. M. Mediação e mediadores em Ciência da Informação. *Prisma.com*. Porto, n.9, 2010. Disponível em: <<http://revistas.ua.pt/index.php/prisma.com/article/viewFile/700/pdf>>. Acesso em: 20 maio 2012.

SILVA, A. M.; RIBEIRO, F. Formação, perfil e competências do profissional da Informação. In : CONGRESSO NACIONAL DE BIBLIOTECARIOS, ARQUIVISTAS E DOCUMENTALISTAS, 8., 2004, Estoril. *Anais...* Disponível em: <<http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/14056/2/formaoperfil000073239.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2012.

TALJA, S. Analyzing qualitative interview data: the discourse analytic method. *Library & Information Science Research*, v. 21, n. 4, p. 459–477, 1999.

THIOLLENT, M. *Crítica metodológica, investigação social e enquete operária*. São Paulo: Polis, 1981.

TOUMINEN, K.; TALJA, S.; SAVOLAINEN, R. Multiperspective Digital Libraries: The Implications of Constructionism for the Development of Digital Libraries. *Journal of the American Society for Information Science and Technology*, v. 54, n. 6, p. 561-569, Abr. 2003.

UNISIST. *Principes d'indexation*. Paris: UNESCO, 1975. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0001/000164/016443FB.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2012.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA. Centro de Difusão do Conhecimento: Sistema de Bibliotecas. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/biblioteca/apresentacao/>>. Acesso em: 10 mar. 2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA. Coordenação de Relações Internacionais. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/cri/ufjf/museus-e-teatros-da-ufjf/>>. Acesso em: 10 dez. 2011.

UNIVERSIDADE SALGADO DE OLIVEIRA – UNIVERSO. Biblioteca (Juiz de Fora). Disponível em: <<http://www.universo.edu.br/portal/juiz-de-fora/biblioteca/>>. Acesso em: 10 mar. 2011.

APÊNDICE A – ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Conte-me um pouco da sua historia, como foi que a Sr./Sra. Chegou até aqui?
(O QUE EU ESPERO COM ESSA PERGUNTA)

Graduação

- a) Onde fez a graduação
- b) Quando fez a graduação
- c) O que ficou de importante do curso de graduação
- d) Qual (quais) disciplina(s) mais gostou
- e) Em que o curso de graduação ajudou para a atuação profissional

Quais são suas antigas experiências (empregos)

Fale-me um pouco sobre seu dia- a- dia no serviço
(O QUE EU ESPERO COM ESSA PERGUNTA)

Como é seu dia- a- dia

- α) Qual atividade desenvolve na biblioteca
- β) Como gerencia o seu tempo
- χ) Por quais setores da biblioteca já passou
- δ) Descreva como você realiza sua atual atividade

Como são seus usuários

- a) Quem são os usuários da biblioteca
- b) Descreva como são os usuários da biblioteca
- c) Quais são as necessidades dos usuários
- d) Como os usuários usam a biblioteca

Como é seu relacionamento com as pessoas do seu serviço

- α) Como é o seu relacionamento com os usuários
- β) Como é o seu relacionamento com os outros bibliotecários (se tiver)
- χ) Como é o seu relacionamento com a instituição que a biblioteca esta sediada

Como é o acervo daqui?

(O QUE EU ESPERO COM ESSA PERGUNTA)

Acervo

- α) Descreva como é o acervo da biblioteca.
- β) O que você pensa sobre o acervo.

Quais serviços vocês oferecem? Qual serviço você acha que você conseguiram realizar com êxito? Qual serviço você acha que poderia melhorar? Porque?
(O QUE EU ESPERO COM ESSA PERGUNTA)

O que você pensa sobre os serviços oferecidos pela biblioteca

Quais instrumentos de trabalho você utiliza no seu serviço? O que você acha destes instrumentos?
(O QUE EU ESPERO COM ESSA PERGUNTA)

- a) Quais instrumentos de trabalho que você utiliza
- b) O que você pensa sobre os seus instrumentos de trabalho

Você já fez algum curso ou participou de algum evento para ajudar no seu serviço?
(O QUE EU ESPERO COM ESSA PERGUNTA)

Você já participou de algum evento da área? Qual (Quais)?
Você já fez algum curso para auxílio no serviço
Você já fez alguma pós-graduação

Incidente Critico

Me conte uma indexação que voce considera facil der realiza-la?
Me conte uma indexação que você sentil dificuldade de realiza-la?
Me conte uma historia de indexação que você considerou bem sucedida, após realiza-la?
Me conte uma historia de indexação que você considerou mal sucedida, após realiza-la?

Metafor de indexar

Me diga um simbolo/animal/fruta/musica que descreva a atividade de indexação? Porque?

APÊNDICE B – RELATÓRIO DE OBSERVAÇÃO

Durante o processo de indexação consultou:

- a) bibliotecários
- b) profissionais relacionados ao conteúdo do documento
- c) informações em outros catálogos de biblioteca
- d) o próprio catálogo da instituição
- e) outros _____

Partes do livro que o bibliotecário consultou para indexar:

Indexação é exaustiva:

Indexação é mais geral ou específica:

As indexações são realizadas com muito tempo ou com pouco tempo:

Emoções perante o erro:

Emoções perante o êxito:

Outras observações:

Avaliação por parte do próprio bibliotecário do processo: (dificuldades...)